

LIVRO DE RESUMOS



Dia 26 de novembro de 2018
Canto das Flores - Fundação Progresso





II MOSTRA DE BIOLOGIA CULTURAL O Canto em Flor

RESUMOS

ORGANIZADORES:

Luci Boa Nova Coelho

Departamento de Zoologia Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Elidiomar Ribeiro Da-Silva

Departamento de Zoologia Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
(UNIRIO)

Edição e publicação Revista A Bruxa v.2. n. especial 2, p. 1-52
Publicado em 31-12-2018



II MOSTRA DE BIOLOGIA CULTURAL O Canto em Flor

COMISSÃO ORGANIZADORA

Elidiomar Ribeiro da Silva (UNIRIO)
Luci Boa Nova Coelho (UFRJ)
Ricardo Cardoso Antonio (Organicidade)

MONITORES

Angeliane Oliveira Santos
Jefferson dos Santos Gonçalves
Tainá Boa Nova Ribeiro Silva

ARTE E EDITORAÇÃO

Luci Boa Nova Coelho

COMISSÃO CIENTÍFICA

Anderson Alves Araújo (Universidade Federal do Espírito Santo)
Ângela Alves de Almeida (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)
Cesar Nascimento Francischetti (Secretaria de Estado de Saúde do Rio de Janeiro)
Cristiane Pimentel Victório (Centro Universitário Estadual da Zona Oeste)
Denise Klein (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)
Hermeson Cassiano de Oliveira (Universidade Estadual do Piauí)
Juliana Rosa do Pará Marques de Oliveira (Universidade Federal do Espírito Santo)
Laura Jane Moreira Santiago (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)
Michaele Alvim Milward de Azevedo (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)
Michelle Cristina Sampaio (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)
Rosani do Carmo de Oliveira Arruda (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)
Yilan Fung Boix (Centro Nacional de Electromagnetismo)

APOIO

Organicidade - Fundação Progresso - Revista A Bruxa



APRESENTAÇÃO

Repetimos a dose. No dia 26 de novembro de 2018, assim como na I MOSTRA DE BIOLOGIA CULTURAL, os visitantes da segunda edição encontraram um ambiente acolhedor, lúdico e adequado a todas as idades. Nele, puderam conhecer trabalhos sobre diversas flores associadas à cultura popular, isso em meio a várias plantas cultivadas no Canto das Flores (Fundição Progresso). A partir das 18:00h, os autores dos trabalhos estiveram presentes para conversar e trocar ideias sobre o tema e falar de seus trabalhos. E, às 19:00h, fechamos o evento com a palestra O ENCANTO DA FLOR, proferida pelo botânico Brendo Araujo Gomes. Um verdadeiro encanto, como só as flores podem propiciar.

Nós, da organização, queremos agradecer demais a presença de todos, especialmente dos autores dos 23 trabalhos apresentados no evento e que estão reunidos no presente volume. E que pôsteres bonitos, gente!

Não podemos deixar de agradecer também à Organicidade e à Fundição Progresso, nossos anfitriões, responsáveis por esse espaço encantador, o Canto das Flores, oásis de beleza na aridez no coração urbano carioca. A moldura ideal para nosso evento.

Nossos agradecimentos à revista A BRUXA, não poderíamos pensar em local mais adequado para a publicação do Livro de Resumos. E, caros leitores e seguidores da Biologia Cultural, não deixem de acompanhar os voos da Bruxa em www.revistaabruxa.com. Compartilhamos também com vocês as fotografias do evento, postadas no grupo: www.facebook.com/groups/1696857197099991.

Nosso muito obrigado a todos.

E que venha 2019 e, com ele, a III Mostra!

Elidiomar, Luci e Ricardo



CONTEÚDO

| | |
|---|----|
| PANC – As flores na culinária | 6 |
| Carina S. Almeida & Matthews T. Mesquita | |
| Venha para o lado <i>Aristolochia salvadorensis</i> da Força | 8 |
| Joyce Roque Pinheiro; Ana Carolina Pereira da Silva & Fabiana Carvalho de Souza | |
| “Dama Branca e Dama Amarela”... E a Dama Carmesim | 10 |
| Luci Boa Nova Coelho | |
| Rosa das encruzilhadas: serviços ecológicos e guias espirituais | 12 |
| Lucas H. Lopes & Luiz Antonio da C. Rodrigues | |
| As rosas falam ou não? Versões da rosa cantada em verso e prosa na Música Popular Brasileira | 14 |
| Arlindo Serpa-Filho & Verônica Marchon-Silva | |
| Lótus, a sublime flor | 16 |
| Dayanne I. S. Ferreira; Raphaela Monteiro Silva & Thais de Lima Silva | |
| História da arte: a essencialidade no simbolismo das flores | 18 |
| Aíres Vanessa Cavalcante; Letícia Marinho; Maria Raphaella Ouriques & Laura Montojos | |
| A presença das flores nas cantigas de roda do folclore brasileiro | 20 |
| Camila Nogueira Lopes da Silva & Thais Ferreira de Oliveira Magalhães | |
| Flores de chá – antigas e contemporâneas | 22 |
| Rosani do Carmo de Oliveira Arruda & Cristiane Pimentel Victório | |
| Tem flor que dá samba - a representação de flores através do mundo do samba | 24 |
| Vinícius de Menezes Estrela Santiago & Gilberto Estrela Santiago | |
| Ave do paraíso: ilusões da anatomia vegetal e animais mitológicos | 26 |
| Lucas H. Lopes & Luiz Antonio da C. Rodrigues | |
| Há uma flor brasileira no jardim de Monet? | 28 |
| Cristiane Pimentel Victório & Rosani do Carmo de Oliveira Arruda | |
| Quando a arte salta da tela: as flores de Marianne North no Brasil | 30 |
| Rosângela Pertile & Arlindo Serpa-Filho | |
| As flores de J.K. Rowling | 32 |
| Virgínia Codá | |
| Funerogâmicas – O uso de flores em rituais funerários | 34 |
| Rômulo Fagundes Sodré | |
| Buquês que salvam vidas: as flores como base de tratamentos médicos e culturais | 36 |
| Diego R. de Souza; Yasmim Santana Barros; Mariana Freire Campos & Brendo Araujo Gomes | |
| Para não dizer que não falei da luta: flores como símbolo de resistência | 38 |
| Letícia Marinho; Aíres Vanessa Cavalcante & Marcello Spolidoro | |
| Sakura: a efemeridade da vida | 40 |
| Anna Beatriz Trigo Rodrigues Fagundes de Souza & Raphael Muniz Monteiro | |
| Mimosa amarela: um símbolo de resistência feminina | 42 |
| Yasmim Santana Barros; Mariana Freire Campos; Brendo Araujo Gomes & Raíssa Vieira Corrêa | |
| Vitória-régia, fruto de uma história de amor: grande flor do entardecer | 44 |
| Anna Carolina S. Silva | |
| A simbologia da rosa (Rosaceae) no poema “A Rosa de Hiroshima” e no livro “Não se Esqueça da Rosa” | 46 |
| Diego Paschoa Trindade | |
| Simbolismo e representação das flores em pinturas Pré-Rafaelitas | 48 |
| Yasmin de Góes Cohn Freitas | |
| Flores com nome de bicho, bichos com nome de flor | 50 |
| Elidiomar Ribeiro Da-Silva | |



PANC – As flores na culinária

Carina S. Almeida* & Matthews T. Mesquita

Bacharelado em Ciências Biológicas, Instituto de Biociências, UNIRIO

*carinadosantos.a@gmail.com

As PANC (plantas alimentícias não convencionais) são vegetais comestíveis não consumidos usualmente, podendo variar de região para região. Essas plantas podem apresentar alto valor nutritivo, porém muitas vezes são consideradas ervas daninhas por terem crescimento espontâneo. As flores, consumidas na culinária asiática há anos, estão ganhando lugar na gastronomia do ocidente, além de apresentarem muitos nutrientes, podem agregar muito valor à construção de refeições e seu apelo visual estimula a aproximação com o alimento. Contudo, é preciso conhecer as plantas, muitas vezes flores comestíveis podem apresentar outras partes tóxicas, como é o caso do jasmim-manga (*Plumeria rubra* L. – Gentianales: Apocynaceae). Outras se assemelham a espécies potencialmente tóxicas, sendo necessário conhecimento da morfologia e taxonomia vegetal, o que aproxima os consumidores de PANC de tal ramo da botânica, podendo esse ser um caminho para introdução da população à área. No processo de popularização das PANC foi publicado, em 2015, o livro “Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) do Brasil”, por Valdely Kinupp e Harri Lorenzi. O livro apresenta o nome científico seguido dos nomes convencionais, uma descrição botânica e usos culinários, sendo uma ferramenta interessante para aproximação ao mundo da botânica. Contém 93 famílias e 351 espécies, onde 54 gêneros e 31 famílias apresentam flores comestíveis, sendo as famílias mais comuns Fabaceae (com cinco espécies de duas subfamílias distintas), da ordem Fabales, e Cactaceae (com quatro espécies), da ordem Cactales. Contudo, nem todas as espécies comestíveis estão presentes no livro: *Ixora* L. (Gentianales: Rubiaceae), por exemplo, é uma espécie comestível em quantidades moderadas.

Palavras-chave: Etnobotânica; phytoalimurgia.

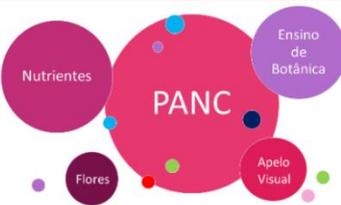


PANC – Flores na culinária

Carina S. Almeida* & Mathews T. Mesquita
 Bacharelado em Ciências Biológicas, Instituto de Biociências, UNIRIO
 *carinadosantos.a@gmail.com



Plantas alimentícias não convencionais (PANC) são vegetais não consumidos no dia a dia da população, podendo variar de acordo com as regiões. Muitas vezes são tratadas como ervas daninhas por apresentarem crescimento espontâneo, outras são usadas como ornamentais, porém apresentam muitos benefícios.



Por não serem plantas cultivadas, a identificação correta é importante. Flores comestíveis podem apresentar partes tóxicas, assim como algumas espécies comestíveis podem se assemelhar a espécies tóxicas. Logo, os conhecimentos de morfologia e taxonomia botânica são instrumentos importantes na identificação de PANC.

FLORES COMESTÍVEIS



Plumeria rubra

Flores cristalizadas de jasmim-manga

Ferva 300g de flores frescas com 500ml de água e 500g de açúcar até encorpear. Retire as flores e seque no forno. Polvilhe açúcar cristal.



Hylocereus lemairei

Flores de pitaita-roxa gratinadas

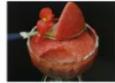
Recheie flores jovens ou botões com o que desejar (carne moída, queijo, presunto). Polvilhe as flores com azeite e queijo ralado para grelhar.



Begonia X hibrida

Gelatina de flores de begônia

Triture 300g de flores no liquidificador com açúcar a gosto, adicione 20g de gelatina sem sabor (sem folhas) diluída. Refrigere até atingir a consistência desejada.



Yucca filamentosa

Pizza com flores de iuca-mansa

Retire as pétalas carnosas, cubra a pizza com pétalas de yuca, tempere com azeite, pimenta e manjeriço e goste e asse.



Hibiscus rosa-sinensis

Flores de hibisco como corante

Descarte os cálices verdes e coloque as pétalas em uma vasilha. Adicione a bebida que desejar (cachapa, vodca ou vinho branco). Fica pronto em 12h.



Victoria amazonica

Canapés com pétalas de Vitória-régia

Colha pétalas carnosas de manhã cedo ou a noite, use-as como suporte para patês e ovos de peixe ou molhos.



Clitoria ternatea

Arroz azul com flores de clitoria

Acrescentar 7 flores frescas de clitoria à água do arroz. Cozinhar com a panela semi tampada em fogo baixo até a água secar.



Hemerocallis X hibrida

Patê das flores de lírio-amarelo

Refogue 1 colher de chá de sal e 2 de azeite e tempere a gosto com 400g de ricota. Adicione as flores picadas (350g), mexa e deixe murchar. Triture e adicione água fervente se necessário.



Mansoa alliacea

Pasta de flores de cipó-alho

Retire os cabinhos, e triture com água. Adicione uma colher de sopa de sal para 15 flores. Use a pasta como o sal e alho. Congele o que sobrar.



Taraxacum officinale

Flores de dente-de-leão empanadas

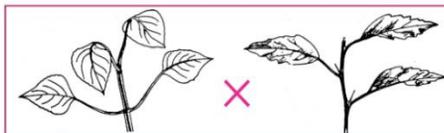
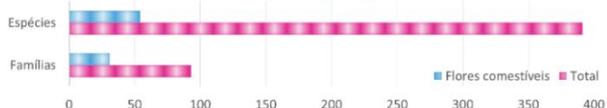
Em um prato, bata 4 ovos, sal e tempero. Passe as flores frescas na farinha de trigo, nos ovos e na farinha de rosca. Frite em óleo quente.



O livro das PANC: Durante a popularização das PANC foi publicado, em 2015, o livro "Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) do Brasil", por Valdely Kinupp e Harri Lorenzi. O livro apresenta o nome científico seguido dos nomes populares, uma descrição botânica e usos culinários.

Ferramenta didática: Ao coletar uma PANC é essencial que as flores e folhas sejam comparadas a literatura, evitando o consumo de plantas tóxicas. Os conhecimentos de nomes científicos e morfologia, necessários devido a variação de nomes populares entre as regiões do Brasil, são portas de entrada para o ensino da botânica pois aproximam conhecimento popular ao conhecimento científico.

FLORES COMESTÍVEIS EM "PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS DO BRASIL (PANC)"





Venha para o lado *Aristolochia salvadorensis* da Força

Joyce Roque Pinheiro¹; Ana Carolina Pereira da Silva^{2*} & Fabiana Carvalho de Souza²

¹Curso de Ciências Biológicas, Universidade Castelo Branco

²Curso de Ciências Biológicas, Faculdades São José

*carolina_p@live.com

Há muito tempo, numa galáxia muito distante, acontecia o maior confronto estelar já visto no mundo dos filmes. O sucesso de bilheteria *Star Wars* conta com uma franquia de vários filmes representando o gênero da ficção científica. Dentre os inúmeros personagens da trama, o que nos chama mais atenção é Anakin Skywalker, um menino dotado de habilidades, treinado e doutrinado por Obi-Wan Kenobi, porém com uma mágoa e um ódio profundo dentro de seu coração. Sua trágica história fez com que Anakin se aproximasse cada vez mais do lado negro da força. Chamado também de Darth Vader, ele perdeu suas pernas e braços, e sofreu graves queimaduras por todo o corpo, então passou assim a usar sua famosa armadura. Dentre os adereços dessa completa armadura, enfatizamos o capacete usado pelo personagem, dotado de um processador, que o ajuda a conectar-se com a Força. Pertencente às *Aristolochiaceae*, uma das famílias basais dentre as angiospermas, comum em regiões tropicais e cujos maiores representantes são do gênero *Aristolochia* L., a espécie tratada nesta pesquisa é endêmica de El Salvador e chamada de “guaquito de tierra” pelos nativos. *Aristolochia salvadorensis* Standl. foi descrita pela primeira vez em 1923 e ganhou destaque no meio científico devido ao estudo de doutorado do pesquisador Dr. Carlos René Ramirez Sosa, que relatou o uso dessa planta de como auxiliar no tratamento contra a cólera. Mundialmente, a flor *A. salvadorensis* Standl. é famosa por uma característica que chama atenção daqueles que conhecem a história da saga *Star Wars*: a semelhança do capacete de Darth Vader com a flor é evidente. O seu formato, a junção de suas pétalas e os demais caracteres são partes que nos remetem ao personagem da saga. Dentre as características importantes de serem citadas, podemos dar ênfase a uma em especial: a parte interna do perianto - que dá formato aos olhos do capacete de Darth Vader - na verdade, é uma armadilha para polinizadores. Bem, diante do exposto, não pense que essa planta se juntou ao lado negro da força - essas são apenas as coincidências da natureza.

Palavras-chave: flor; Guerra nas Estrelas; *Star Wars*.



UCB

VENHA PARA O LADO

ARISTOLOCHIA

SALVADORENSIS STANDL. DA FORÇA.

Joyce Pinheiro¹; Ana Carolina Pereira¹; Fabiana Carvalho²

¹ – Acadêmico: Graduação em Ciências Biológicas

² - Professor assistente/Pesquisador – Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, RJ.



INTRODUÇÃO

Há muito tempo, numa galáxia muito distante, acontecia o maior confronto estelar já visto no mundo dos filmes. O sucesso de bilheteria Star Wars conta com uma franquia de vários filmes representando o gênero da ficção científica. Dentre os inúmeros personagens da trama, o que nos chama mais atenção é Anakin Skywalker. Chamado também de Darth Vader, ele perdeu suas pernas e braços, além disso, sofreu graves queimaduras por todo o corpo, então passou assim a usar sua famosa armadura. Dentre os adereços dessa completa armadura, enfatizamos o capacete usado pelo personagem que o conecta à força. Pertencente às Aristolochiaceae, uma das famílias basais dentre as angiospermas, comum em regiões tropicais, a espécie tratada nesta pesquisa é endêmica de El Salvador e chamada de guaquito de tierra pelos nativos, tendo seus maiores representantes pertencentes ao gênero *Aristolochia* L. *Aristolochia salvadorensis* Standl. foi descrita pela primeira vez em 1923. Mundialmente, a flor *Aristolochia salvadorensis* Standl. é famosa por uma característica que chama atenção daqueles que conhecem a história da saga Star Wars: a semelhança do capacete de Darth Vader com a flor é evidente. O seu formato, a junção de suas pétalas e os demais caracteres são partes que nos remetem ao personagem da saga.

OBJETIVO

O presente trabalho teve como principal objetivo fazer uma comparação da similaridade entre a flor *Aristolochia salvadorensis* Standl. e o capacete de Darth Vader, personagem da saga Star Wars.

CONCLUSÃO

Dentre todas as características importantes de serem citadas, podemos dar ênfase a uma em especial: a parte interna do perianto - que dá formato aos olhos do capacete de Darth Vader - na verdade, é uma armadilha para polinizadores. Diante do exposto, não pense que essa planta se juntou ao lado negro da força - essas são apenas as coincidências da natureza.





“Dama Branca e Dama Amarela”... E a Dama Carmesim

Luci Boa Nova Coelho

Departamento de Zoologia, Instituto de Biologia, UFRJ
lucibncoelho@gmail.com

A lenda japonesa “Dama Branca e Dama Amarela” conta sobre duas flores amigas que cresceram juntas em um campo. As duas crisântemos, uma amarela e outra branca, eram como irmãs. Um dia, um velho jardineiro se encantou pela beleza da Dama Amarela e lhe prometeu uma vida cheia de cuidados e mimos, tornando-a ainda mais bela, se ela aceitasse viver em seu jardim. Lisonjeada, ela, mesmo sentindo se afastar da irmã, aceitou ter suas raízes arrancadas e ser levada. A crisântemo branca, agora solitária, chorava pela falta da irmã e por sua beleza ter sido desprezada. A Dama Amarela, que a cada dia ficava mais linda, sentia saudade da irmã, mas estava feliz por ter suas pétalas longas, curvas, e folhas limpas e bem cuidadas. Deu-se que o jardim foi visitado por um capitão do vilarejo, que procurava por um crisântemo especial. O jardineiro mostrou-lhe a Dama Amarela, sua flor mais bela. O capitão não a aceitou, informando que precisava de uma flor branca com 16 pétalas, para desenhar um adorno, e partiu. Passando pelo campo, encontrou a triste crisântemo branca e se encantou por sua forma simples e perfeita. Ela, feliz, seguiu com o capitão para o palácio, onde todos admiraram sua beleza. Assim, grandes artistas vieram para retratar sua perfeição nos mais variados e preciosos bens do palácio. Enquanto a imagem da Dama Branca era perpetuada, a Dama Amarela sentia o fim de sua exuberância, com sua cabeça amarela tombando para o lado. Foi quando, então, o velho jardineiro arrancou-a do jardim e a jogou em um amontoado de lixo. O crisântemo (*Chrysanthemum* L. - Asteraceae) é uma designação comum de mais de 100 espécies e 800 variedades comerciais, sendo seu cultivo de tradição milenar nos países asiáticos; foi introduzido no Japão pelos budistas, sendo comparado com o sol nascente. O Crisântemo de 16 pétalas é um dos mais importantes símbolos do Japão, figurado na Casa Imperial, principalmente no “Trono do Crisântemo”, e tendo sido representado em suas bandeiras. Uma lenda específica conta sobre um monge budista que, no século XIII, teria oferecido ao imperador o Estandarte do Sol (Hinomaru), de fundo branco e uma esfera carmesim na área central, por acreditar que esse era descendente de Amaterasu, a deusa do sol. Embora associada ao sol, a esfera está relacionada ao crisântemo despojado de suas pétalas, ou seja, ao coração do crisântemo. Em meados do século XVII, o imperador decidiu usar um crisântemo dourado central em fundo carmesim em sua bandeira. Em 1889, Hinomaru foi julgada inadequada como bandeira nacional e o desenho do “Crisântemo de 16 pétalas” foi adaptado e representado na nova bandeira. Esta, chamada a bandeira do sol nascente (Kyokujitsuki), que muitos acreditam tratar-se dos raios solares, faz referência ao crisântemo de 16 pétalas. A Kyokujitsuki foi usada pelo exército imperial até o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, e a Hinomaru era usada apenas como amuleto de sorte. Com o Tratado de São Francisco (1951), a Kyokujitsuki foi banida e em 1954 passou a ser usada pela Força de Autodefesa Naval e considerada, por alguns, como a suástica nazista é para os judeus, representando as batalhas sangrentas e símbolo da tirania japonesa imperial. Hinomaru retomou seu lugar como bandeira nacional e o crisântemo permaneceu como selo imperial. Existe o dia nacional do crisântemo, conhecido como Festival da Felicidade, que teve início na Corte Imperial no ano de 910 a.C. Nesse dia são servidas iguarias feitas com a flor e, por tradição, se colocam pétalas de crisântemo em um copo de vinho para trazer felicidade, prosperidade, longevidade e saúde. O crisântemo está associado à ideia de longevidade e imortalidade, sendo atualmente muito usado em funerais, quando a flor é mais conhecida com o nome de monsenhor.

Palavras-chave: Botânica Cultural; crisântemo; Japão; lenda, xintoísmo.



“Dama Branca e Dama Amarela”... E a Dama Carmesim

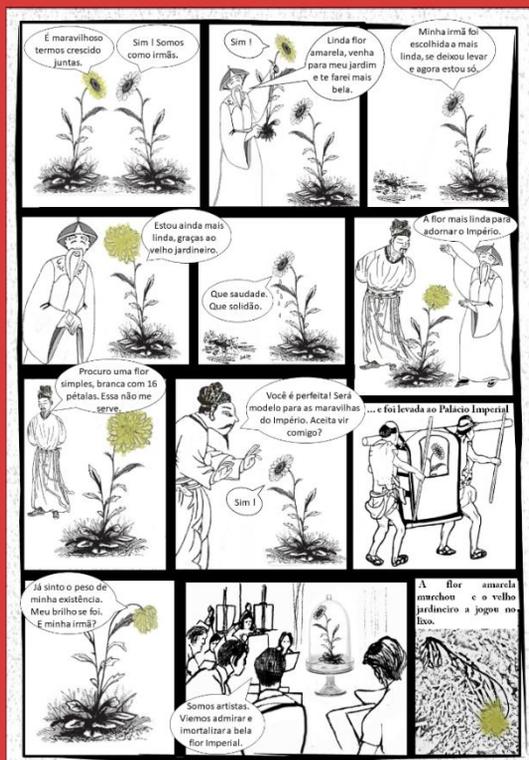
Luci Boa Nova Coelho

Departamento de Zoologia, Instituto de Biologia, UFRJ
lucibncoelho@gmail.com



Há um provérbio chinês, bastante popular na Ásia, que diz:
*** “Se queres ser feliz por toda a vida, cultive crisântemos.” ***

O crisântemo (*Chrysanthemum* L. - Asteraceae) é uma designação comum de mais de 100 espécies e 800 variedades comerciais, sendo seu cultivo de tradição milenar nos países asiáticos; originário da China, foi introduzido no Japão por monges budistas em 400dC, sendo comparado com o sol nascente. O crisântemo (Kiku) de 16 pétalas é um dos mais importantes símbolos do Japão.



A Lenda da Dama Branca e a Dama Amarela (ilustrada pela autora).



Em 910 dC, o Imperador japonês Meiji, Mutsuhito (1852-1912), adotou o crisântemo como seu selo oficial e brasão da família imperial – uma flor dourada com 16 pétalas que irradiam do centro como chamas do sol.



Estandarte do Sol (Hinomaru)



Estandarte do Imperador do Japão.



Bandeira do Sol Nascente (Kyokujitsuki).



Hinomaru volta como bandeira nacional.



O Imperador do Japão, Akihito, ao lado do Trono de Crisântemo (em 2016).



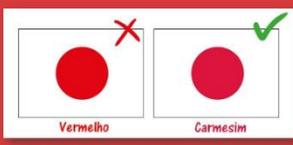
O crisântemo de 16 pétalas, figura em moedas, passaporte, vestuário e vários adornos.



Deixa de ser oficial pelas conotações militaristas e imperialistas, voltando a ser usada pela Força de Auto Defesa Naval desde 1954.



Associação da bandeira do sol nascente (Kyokujitsuki), com crisântemo de 16 pétalas.



A cor correta é carmesim, que é a cor do carmim, o que não deixa de ser uma tonalidade do vermelho.

O dia nacional do crisântemo, conhecido como Festival da Felicidade, que teve início na Corte Imperial no ano de 910 a.C. Nesse dia, manequins são vestidos com trajes tradicionais adornados por crisântemos. Também nessa data são servidas iguarias feitas com a flor e, por tradição, se colocam pétalas de crisântemo em um copo de vinho para trazer felicidade, prosperidade, longevidade e saúde.

O crisântemo possui propriedades medicinais, principalmente relacionadas ao fluxo sanguíneo. Também é um repelente natural de insetos por conter uma substância química chamada Pyrethrum. Cada cor pode trazer um significado diferente. Um crisântemo vermelho simboliza o amor, quando dado para alguém especial; o branco simboliza sinceridade e o amarelo, amor não correspondido. O amarelo significa literalmente “Flor Dourada”, de acordo com o seu nome em grego. Associado à ideia de longevidade e imortalidade, é muito usado em funerais, conhecido pelo nome de monsenhor.

IMAGENS GOOGLE



Rosa das encruzilhadas: serviços ecológicos e guias espirituais

Lucas H. Lopes^{1,2*} & Luiz Antonio da C. Rodrigues^{1,3}

¹Centro Universitário Celso Lisboa

²Museu da Vida, FIOCRUZ

³Museu Nacional, UFRJ

*lheleno.nala@gmail.com

O presente trabalho aborda o simbolismo incutido na relação entre entidades espirituais e flores, como se cruzam os caminhos das pombagiras e das rosas (*Rosa* spp. - Rosales: Rosaceae). Algumas entidades, como as pombagiras, são equivocadamente classificadas como maléficas ou diabólicas. São, na verdade, espíritos representados na Umbanda, religião brasileira que surgiu na cidade de Niterói, em 1908, fundada pelo guia espiritual Caboclo das Sete Encruzilhadas, manifestado pela mediunidade de Zélio de Moraes. Estabeleceram-se em 15 de novembro daquele ano, nas dependências de um centro Kardecista, as regras da nova religião, dentre elas: a caridade, o amor incondicional e o respeito ao livre arbítrio. Não por acaso, a Umbanda é popularmente conhecida como a manifestação do espírito pela caridade. Na cultura umbandista as entidades citadas são espíritos de arquétipo feminino que, após várias encarnações, optam por trabalhar como guardiãs dos encarnados. Compondo um exército espiritual, atuam de várias formas cumprindo a “Lei do Retorno”, orientando espíritos e trabalhando questões relacionadas aos desejos terrenos do “querer/desejar” algo e não somente o sexual. A natureza feminina do espírito, sua ligação ao desejo, orientação e proteção, estabelece no senso comum conceitos errôneos, ligando-as unicamente à prostituição e leviandade. Na cultura umbandista a natureza feminina da entidade converge com sua força e determinação, estabelecendo analogias com as rosas, elemento comumente presente nas representações desses espíritos que adornam os cabelos de seus médiuns com rosas, assim como suas roupas ou taças. Vale ressaltar que pode variar a cor da flor, de acordo com a pombagira, ou se ela trabalha ou não com este vegetal. A dualidade de proteção e delicadeza das rosas surge de componentes da morfologia vegetal, como pétalas, acúleos, popularmente chamados de “espinhos”, e folhas compostas cuja margem dos folíolos é serrilhada. Possui ainda uma pequena bráctea que se acredita ser vestigial de sua evolução, contudo a função desse verticilo é proteger o meristema e o botão floral. Outro aspecto relevante são as substâncias volatilizadas pelas papilas, saliências das células epidérmicas da pétala, que também conferem o aspecto aveludado às flores e suas cores úteis na síndrome da polinização. Nas pombagiras, os fatores citados são utilizados na condução do protegido, assim como as flores conduzem seus polinizadores para que esses executem o serviço ecológico. As moças usam seus perfumes, batom, e seu acúleo é, geralmente, um punhal na barra da saia. O cultivo de rosas requer certos cuidados e atenção quanto ao manejo, da mesma forma como o trato com as moças. Ambas são belas, chamam a atenção, desde a pombagira mais faceira à mais brava, da maior e mais colorida rosa modificada pela biotecnologia à rosa silvestre (*Rosa canina* L.) com apenas cinco pétalas. Entretanto, a falta de respeito e cuidado pode acarretar de pequenos arranhões na pele até deixar uma indiferença por parte das moças, que como espíritos de luz que são, será o máximo que se poderá receber, caso as ofenda. Pombagiras, bem como os demais guias espirituais, que prestam a caridade nos terreiros de Umbanda são tidos inveridicamente como seres que devem ser temidos apenas pela ligação à noite, à lua, bem como ao escuro das ruas e cemitérios. A lua também influencia a vida das roseiras, uma vez que a gravidade, assim como atua nas marés, pode concentrar o fluxo de seiva na região mais alta ou mais baixa no corpo do vegetal, fator esse usado na escolha da melhor época para sua colheita ou poda. Além disso, a lua cheia é uma fase que proporciona uma quantidade um pouco maior de exposição luminosa à planta, aumentando sua produção biológica. Acreditamos que a identificação etnobotânica em religiões possui potencial para divulgação de conhecimentos relevantes sobre a biologia vegetal e pode ter impacto no desenvolvimento da cultura de preservação do meio ambiente natural.

Palavras-chave: cultura popular; pombagira; Rosaceae; Umbanda.

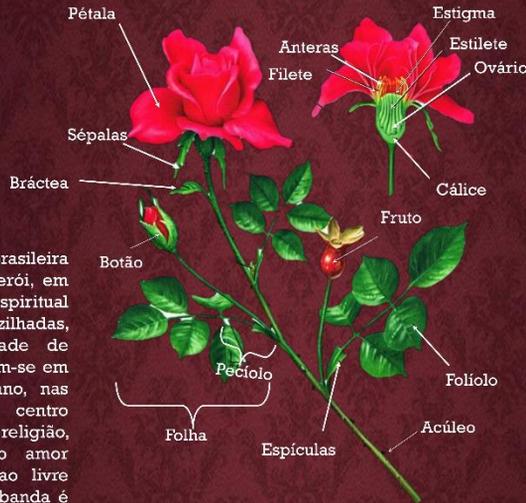


ROSA DAS ENCruzILHADAS: SERVIÇOS ECOLÓGICOS E GUIAS ESPIRITUAIS

Lucas H. Lopes¹; Luiz Antonio da C. Rodrigues²
²Museu Nacional- UFRJ; ¹Museu da Vida - Fiocruz; ^{1,2}Centro Universitário Celso Lisboa
 lheleno.nala@gmail.com; luiz.rodrigues@celsolisboa.edu.br

(Rosa spp. - Rosales:
Rosaceae)

A Umbanda é uma religião brasileira que surgiu na cidade de Niterói, em 1908, fundada pelo guia espiritual Caboclo das Sete Encruzilhadas, manifestado pela mediunidade de Zélio de Moraes. Estabeleceram-se em 15 de novembro daquele ano, nas dependências de um centro Kardecista, as regras da nova religião, dentre elas: a caridade, o amor incondicional e o respeito ao livre arbítrio. Não por acaso, a Umbanda é popularmente conhecida como a manifestação do espírito pela caridade.



As pombagiras são espíritos de arquétipo feminino que, após várias encarnações, escolhem trabalhar como guardiãs dos encarnados. Compoem um exército espiritual, atuam de várias formas cumprindo a “Lei do Retorno”, orientando espíritos e trabalhando questões relacionadas aos desejos terrenos do “querer/desejar” algo e não somente o sexual.

Oh Quitéria,
 Eu vim na encruza, só pra lhe chamar.
 Oh Quitéria,
 Dona da noite, venha me ajudar.

Meu caminho é, longo cheio de espinhos
 Não me permita caminhar sozinho.
 Se na longa jornada, estou de pé
 O que me sustenta minha Rainha é seu Axé.

...
 Eu não peço amor, e nem dinheiro.
 Quero poder andar, neste mundo sem medo.
 Seu perfume de rosa, é uma prova de amor
 Sei que não estou sozinho nos caminhos que eu vou.

(Laroiê, Maria Quitéria!)
 Compositor: Henrique de Oxóssi



Átriz Jamile Moreira
 (Maria Mulambo das
 Almas)
 Espetáculo teatral
 “Exu – Luz no Caminho”
 Cia Teatral Meraki
 Foto: Bruna Prado

Átriz Júlia Lima
 (Maria Padilha do Cabaré)
 Espetáculo teatral
 “Exu – Luz no Caminho”
 Cia Teatral Meraki
 Foto: Bruna Prado



Agradecimentos especiais:

Maria Mulambo da Estrada;
 Rosa da Lua;
 Sete Saias da Estrada;
 Maria Farrapo da Calunga.

Obrigado pelos esclarecimentos
 para a realização deste trabalho.





As rosas falam ou não? Versões da rosa cantada em verso e prosa na Música Popular Brasileira

Arlindo Serpa-Filho^{1,2*} & Verônica Marchon-Silva³

¹Setor de Divulgação Científica, Instituto Nacional da Mata Atlântica

²Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência, Museu da Vida, COC/FIOCRUZ

³Instituto Oswaldo Cruz, FIOCRUZ

*serpafilhoa5@gmail.com

As rosas são talvez as flores mais populares da atualidade. Entretanto, essa flor já era usada pelos povos assírios, babilônios, egípcios e gregos, como elemento decorativo e para cuidar do corpo em banhos de imersão. Acredita-se que as rosas tenham aparecido há 60 milhões de anos. Por volta de 5.000 anos a.C., os chineses já cultivavam e pouco antes da Era Cristã elas já apareciam em seus parques e jardins, sendo também cultivadas nesse mesmo período pelos egípcios. A roseira é uma planta arbustiva, caducifólia, de crescimento rápido, apresentando caule lenhoso, com acúleos e espinhos; suas folhas são simples, pinuladas ímpares, partidas em cinco ou sete folíolos ovulados de margens denteadas. A roseira pode apresentar-se em diversos portes, trepadeiras ou não, de tamanho variável, podendo crescer até três metros num só ano, ou, ainda, serem rastejantes ou anãs. Pertence à família das Rosaceae, tendo como uma das maiores representantes a *Rosa gallica* L. As rosas vêm sendo cantadas em versos e prosas, como na composição “Ciranda da Rosa Vermelha”, uma canção eternizada na voz de Elba Ramalho e composta por Antônio Baracho. Nessa ciranda, a composição fala do amor de uma mulher por um homem, que se apresenta na forma figurativa da rosa com o beija-flor. Já a letra “As Rosas Não Falam”, da autoria de Cartola, fala de um homem desconsolado queixa-se das rosas por não ter o seu amor, mas sem obter respostas, pois “as rosas não falam”. Por fim, a composição “Rosa de Hiroshima”, de Vinicius de Moraes, é um poema, escrito e musicalizado pelo cantor e compositor, que recebeu esse nome como um protesto às explosões de bombas atômicas nas cidades de Hiroshima e Nagasaki, no Japão, durante a Segunda Guerra Mundial. As rosas são normalmente relacionadas com a beleza, no entanto, nessa última composição a rosa remete para as horríveis consequências deixadas pela bomba atômica e se tornou um grande protesto que foi imortalizado na voz de Ney Matogrosso e lançado na época da ditadura no Brasil.

Palavras-chave: Botânica; canções-líricas; divulgação científica; MPB.



As rosas falam ou não? Versões da rosa cantada em verso e prosa na Música Popular Brasileira

Arlindo Serpa-Filho^{1,2} & Verônica Marchon-Silva³

¹Sector de Divulgação Científica, Instituto Nacional da Mata Atlântica – INMA
²Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência, Museus da Vida/COC/Fiocruz
³Laboratório de Doenças Parasitárias, Instituto Oswaldo Cruz – IOC/Fiocruz



As rosas são talvez as flores mais populares da atualidade. Entretanto, essa flor já era usada pelos povos assírios, babilônios, egípcios e gregos, como elemento decorativo e para cuidar do corpo em banhos de imersão. Acredita-se que as rosas tenham aparecido há 60 milhões de anos. Por volta de 5.000 anos a.C., os chineses já cultivavam e pouco antes da Era Cristã elas já apareciam em seus parques e jardins, sendo também cultivadas nesse mesmo período pelos egípcios.

A roseira é uma planta arbustiva, caducifólia, de crescimento rápido, apresentando caule lenhoso, com acúleos e espinhos; suas folhas são simples, pinuladas ímpares, partidas em cinco ou sete folíolos ovados de margens denteadas. A roseira pode apresentar-se em diversos portes, trapadeiras ou não, de tamanho variável, podendo crescer até três metros num só ano, ou, ainda, serem rastejantes ou anãs. Pertence à família das Rosaceae, tendo como uma das maiores representantes a *Rosa gallica* L.

As rosas vêm sendo cantadas em versos e prosas, como serão apresentadas a seguir.

A primeira composição "Ciranda da Rosa Vermelha" e uma canção eternizada na voz de Elba Ramalho e composta por Antônio Baracho. Nessa ciranda, a composição fala do amor de uma mulher por um homem, que se apresenta na forma figurativa da rosa com o beija-flor.

Ciranda da Rosa Vermelha

Composição: Antônio Baracho

Teu beijo doce
 Tem sabor do mel da crua
 Sou tua amiga, tua escrava
 Meu amor
 Sou tua amiga, teu amigo, teu menino
 Tu és feito um passarinho
 Que se chama beija-flor
 Sou tua cara, teu engenho, teu menino
 Tu és feito um passarinho
 Que se chama beija-flor
 Sou rosa-vermelha
 Ail Meu bem quer
 Beija-flor sou tua rosa
 E hei de amar-te até morrer

Sou rosa vermelha
 Ail Meu bem quer
 Beija-flor sou tua rosa
 E hei de amar-te até morrer

Quando tu voas
 Pra beijar as outras flores
 Eu sinto dores
 Um ciúme e um calor
 Que toma o peito, o meu corpo
 E invade a alma
 Só meu beija-flor acalma
 Tua escrava, meu senhor
 Que toma o peito, o meu corpo
 E invade a alma
 Só meu beija-flor acalma
 Tua escrava, meu senhor

Sou rosa vermelha
 Ail Meu bem quer
 Beija-flor sou tua rosa
 E hei de amar-te até morrer

Sou rosa vermelha
 Ail Meu bem quer
 Beija-flor sou tua rosa
 E hei de amar-te até morrer



ANTÔNIO BARACHO



ELBA RAMALHO

Rosa de Hiroshima
 Composição: Vinicius de Moraes

<https://www.sheetmusic.net/album/Cartola-rosta-de-hiroshima-1-album-sheet>



VINICIUS DE MORAES

Na letra "As Rosas Não Falam", da autoria de Cartola, fala de um homem desconsolado queixa-se das rosas por não ter o seu amor, mas sem obter respostas, pois "as rosas não falam".

As Rosas Não Falam
 Cartola



As Rosas Não Falam
 Cartola

Bate outra vez
 Com esperanças o meu coração
 Pois já vai terminando o verão
 Enfim
 Volto ao jardim
 Com a certeza que devo chorar
 Pois bem sei que não queres
 voltar
 Para mim
 Queixo-me às rosas
 Mas que bobagem
 As rosas não falam
 Simplesmente as rosas exalam
 O perfume que roubam de ti, ai
 Devas vir
 Para var os meus olhos
 tristonhos
 E, quem sabe, sonhavas meus
 sonhos
 Por fim

Por fim, a composição "Rosa de Hiroshima", de Vinicius de Moraes, é um poema, escrito e musicado pelo caçtor e compositor, que recebeu esse nome como um protesto às explosões de bombas atômicas nas cidades de Hiroshima e Nagasaki, no Japão, durante a Segunda Guerra Mundial. As rosas são normalmente relacionadas com a beleza, no entanto, nessa última composição a rosa remete para as horríveis consequências deixadas pela bomba atômica e se tornou um grande protesto que foi imortalizado na voz de Ney Matogrosso e lançado na época da ditadura no Brasil.

Rosa de Hiroshima
 Vinicius de Moraes

Pensem nas crianças
 Mudas telepáticas
 Pensem nas meninas
 Cegas inexatas
 Pensem nas mulheres
 Rotas alteradas
 Pensem nas feridas
 Como rosas cálidas
 Mas, oh, não se esqueçam
 Da rosa da rosa
 Da rosa de Hiroshima
 A rosa hereditária
 A rosa radioativa
 Estúpida e inválida
 A rosa com círculos
 A anti-rosa atômica
 Sem cor, sem perfume
 Sem rosa, sem nada





Lótus, a sublime flor

Dayanne I. S. Ferreira*; Raphaela Monteiro Silva & Thais de Lima Silva

Instituto de Biociências, UNIRIO

*dayanneisferreira@gmail.com

Lótus é o nome vulgar dado a duas famílias de Magnoliophyta, Nelumbonaceae (Proteales) e Nymphaeaceae (Nymphaeales), sendo nelumbonáceas as flores de lótus verdadeiras. São plantas nativas do sudeste asiático, principalmente Japão, Filipinas e Índia. Atualmente só é conhecido um gênero de Nelumbonaceae, *Nelumbo* Adanson, com duas espécies, *Nelumbo nucifera* Willd. e *N. lutea* Garnet. Além disso, são conhecidos pelos menos quatro gêneros extintos. As nelumbonáceas são plantas aquáticas, herbáceas perenes, com folhas peltadas em formato circular, emersas ou não, podendo chegar até 100 cm. Possuem flores grandes, vistosas, com colorações que variam do branco, rosa ao amarelo. As flores de lótus estão intimamente ligadas ao espiritualismo por causa sua capacidade de autolimpeza e seu hábito peculiar. Essa planta enraíza em locais salobros, lamosos e/ou com lodo, onde consegue florescer e mostrar a raridade de sua exuberante beleza. Por isso, a flor de lótus representa o nascimento a ressurreição, a pureza e a evolução espiritual, sendo veneradas por diversos povos. No budismo relata-se que quando Siddhartha (Buda) deu seus primeiros passos, flores de lótus brotaram, por isso os budas em meditação são representados sentados sobre estas. A flor de lótus também representa a visão da expansão espiritual simbolizada através da antese floral. Dentro da cultura egípcia, de acordo com as lendas, a flor de lótus representada nos hieróglifos dentro das pirâmides e palácios está relacionada à criação do mundo e ao nascimento dos deuses Brahma e Hórus. Na Índia, assim como no Egito, a flor de lótus é a representação da criação do universo. Para os hinduístas, os quatro elementos (ar, água, fogo e terra) deram à flor uma característica fazendo com que suas raízes possam nascer no lodo, que ela pudesse emergir pela água em direção ao ar, e esbanjando suas cores sob o calor do sol. Na mitologia grega, o lótus é uma planta que aparece na Odisseia de Homero, em Metamorfoses e Fastos de Ovídio. Na Odisseia, lótus era uma comida em forma de flor, possuía aroma suave de mel, que fazia com que a pessoa que comesse esquecesse sua missão. Em Fastos, Ovídio narra uma história de quase violação da ninfa Lótis, que dormia sob efeito do álcool. Em Metamorfoses, Dríope de Ecália ia um dia com o seu filho ao colo quando colheu uma flor de lótus e foi instantaneamente transformada num lotos. Alguns desses contos foram representados na cultura pop através de filmes, como “Percy Jackson - Ladrão de Raios”, “Flor de Lótus”, livros como “As Flores de Lótus”, “O Guardiã da Flor de Lótus” e músicas “Lotus Flower”, “Flor de Lótus”. Existem diversos sinônimos para o termo, sendo o em sânscrito, phadma, o mais conhecido. Derivações desse sinônimo são usualmente utilizadas para nomear meninas e meninos nos territórios asiáticos. Como exemplo a personagem Padma Patil, na saga Harry Potter. A flor de lótus também é fonte inspiração para outros setores, como o Grêmio Recreativo Escola de Samba Virtual Flor de Lótus, que leva em seu nome e seu pavilhão a flor sagrada; para a indústria automotiva, como marcas e modelos batizados, e também para indústria química, que se inspira no efeito lótus e no conceito de super hidrofobicidade para criar produtos autolimpantes.

Palavras-chave: espiritualidade; lótus; *Nelumbo*; Padma; simbologia.



Lotus, a sublime flor

Dayanne I. S. Ferreira, Raphaela M. Silva e Thais L. Silva
Instituto de Biociências (UNIRIO)

Lótus é o nome vulgar dado a duas famílias de Magnoliophyta, Nelumbonaceae (Proteales) e Nymphaeaceae (Nymphaeales), sendo nelumbonáceas as flores de lótus verdadeiras.

São plantas nativas do sudeste asiático, principalmente Japão, Filipinas e Índia. Atualmente só é conhecido um gênero de Nelumbonaceae, *Nelumba* Adanson, com duas espécies, *N. nucifera* Willd. e *N. lutea* Garnet.



As nelumbonáceas são plantas aquáticas, herbáceas perenes, com folhas peltadas em formato circular, emersas ou não, podendo chegar até 100 cm. Possuem flores grandes, vistosas, com colorações que variam do branco, rosa ao amarelo.

As flores de lótus estão intimamente ligadas ao espiritualismo por sua capacidade de autolimpeza e seu hábito peculiar.

Lendas e Mitos



Cultura Popular



LIVROS



FILMES



MÚSICAS



PATENTES





História da arte: a essencialidade no simbolismo das flores

Aíres Vanessa Cavalcante^{1*}; Letícia Marinho¹; Maria Raphaella Ouriques² & Laura Montojos³

¹Departamento de Botânica, Instituto de Biociências, UNIRIO

²Departamento de Ecologia, Instituto de Biologia, UFRJ

³Departamento de Vertebrados, Museu Nacional, UFRJ

*aires-vanessa@hotmail.com

A sociedade é composta por diversos tipos de manifestações que ajudam a moldar e facilitar o entendimento do contexto vivido. Dentre elas estão os movimentos artísticos, que são multifacetados e destacam-se na forma de abordagem. Por se fazer valer da subjetividade como estratégia de comunicação, a arte capta o interlocutor, tornando-o tão autor da obra quanto o próprio artista. Nota-se então a importância dos elementos que a compõem, sendo inevitável falar sobre as protagonistas de diversos períodos artísticos: as flores. Estendendo-se do século XVII ao XVIII, o movimento barroco se destacou por sua dualidade entre espírito e razão, divergência marcada pelo contraste entre claro e escuro nas obras. O conflito marcante entre teocentrismo e antropocentrismo foi evidenciado através do uso de formas humanas como elemento principal, com tons vibrantes, e os demais elementos ao fundo, com tons escuros. Assim, a composição das flores se dá de forma secundária, ocupando o fundo das pinturas. No século XVIII a ascensão do romantismo marcou-se pela emoção exacerbada e o escapismo para a utopia, priorizando o sentimento em detrimento da razão. Havia a idealização feminina e do amor, com as flores fazendo parte desse simbolismo. Por retratar um mundo utópico, nenhum elemento se sobrepunha ao outro, com as flores formando um conjunto harmônico, sem diferenças nos tons e destaques. Em meados do século XIX, houve a quebra com o romantismo: havia a valorização da razão em detrimento da emoção, as obras eram mais materialistas e objetivas na mensagem. O simbolismo das flores foi deixado de lado no realismo e elas passaram a fazer parte do conjunto, sem idealizações e metáforas as cercando. Ao final do século XIX, a chegada do impressionismo marcou o início da arte moderna. Com pinceladas leves e valorizando o movimento, quebrando os contornos perfeitos do realismo, as pinturas impressionistas tinham foco na natureza e suas paisagens, compondo os quadros com cores alegres, sombras luminosas e valorizando o brilho da luz solar. As flores impressionistas compunham sempre a paisagem ou eram foco principal, sendo suas diferentes cores exploradas. Ao começo do século XX, as obras impressionistas permitiram aos artistas pós-impressionistas explorar características do movimento passado, mas mesclando elementos de outros movimentos. A presença de cores vivas e retratos de temas cotidianos estavam presentes, mas não houve forte definição. Em comum, diversas obras apresentam aquelas que permeiam a arte desde seus primórdios: as flores. Sua presença nos quadros seguia as nuances estilísticas de cada artista, compondo um movimento diverso. No início do século XX emergiu o surrealismo, movimento dissociado da realidade, com interpretações fantasiosas de situações e objetos reais. Ele representava o subconsciente e o irracional, sendo o impulso psíquico fator chave para o desenvolvimento das obras. Os componentes desse movimento tomam forma e função diferentes daquelas que representam a realidade, não sendo diferente para as flores. As flores surrealistas compõem cenários não tradicionais e contextos fantasiosos, aos quais elas naturalmente não pertencem. Adentrando o universo de cada movimento, é possível ver as flores se adequando às suas faces. Protagonistas ou coadjuvantes, expressando amor ou tristeza, o imaginário ou a realidade, a emoção ou a racionalidade. Com suas diferentes formas e grandiosidade, são fundamentais para transmitir a mensagem de cada obra dentro de suas particularidades. Estão na arte como as vemos na natureza: um elemento sempre presente, protagonista de suas paisagens ou não, que trazem cor, vida e diferentes nuances aos olhos de seus apreciadores.

Palavras-chave: Botânica; cultura; enfloras; pintura.



História da arte: a essencialidade no simbolismo das flores



Aíres Vanessa Cavalcante¹; Letícia Marinho¹; Maria Raphaella Ouriques²; Laura Montojos³

1 - Departamento de Botânica, Instituto de Biociências, UNIRIO; 2 - Departamento de Ecologia, Centro de Ciências da Saúde, UFRJ; 3 - Departamento de Vertebrados/Setor de Ictiologia, MNRJ.
aires-vanessa@hotmail.com

Barroco



Realismo



Pós
impressionismo



Romantismo



Impressionismo



Surrealismo



O Tocado de Alaúde - Michelangelo Caravaggio (1596)

O movimento barroco se destacou por sua dualidade entre espírito e razão e pelo uso de formas humanas como elemento principal. Assim, a composição das flores se dá de forma secundária, ocupando o fundo das pinturas.

As pinturas impressionistas tinham foco na natureza e suas paisagens, compondo os quadros com cores alegres. As flores impressionistas compunham sempre a paisagem ou eram foco principal, sendo suas diferentes cores exploradas.



A Lagoa de Lírios D'água- Claude Monet (1899)

No romantismo havia emoção exacerbada e o escapismo para a utopia, priorizando o sentimento. Havia a idealização feminina e do amor, com as flores fazendo parte desse simbolismo. As pinturas apresentavam um conjunto harmônico, sem sobreposição de elementos.



A Alma da Rosa - John William Waterhouse (1908)



Amendoeira em Flor - Vincent van Gogh

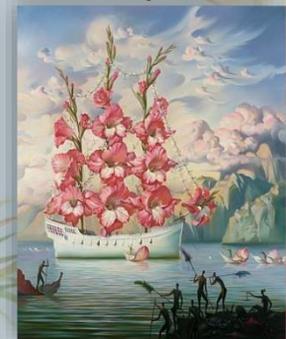
A presença das flores nos quadros pós-impressionistas seguia as nuances estilísticas de cada artista, compondo um movimento diverso.



Moças à Margem do Sena - Gustave Coubert (1857)

O simbolismo das flores foi deixado de lado no realismo e elas passaram a fazer parte do conjunto, sem idealizações e metáforas cercando-as.

O surrealismo representava o subconsciente e o irracional, sendo o impulso psíquico fator chave para o desenvolvimento das obras. As flores surrealistas compõem cenários não tradicionais e contextos fantasiosos, aos quais elas naturalmente não pertencem.



A Chegada do Navio de Flores - Vladimir Kush (2000)



A presença das flores nas cantigas de roda do folclore brasileiro

Camila Nogueira Lopes da Silva* & Thais Ferreira de Oliveira Magalhães

Faculdades São José
*camilanogueira.545@gmail.com

Ao longo do século XVIII, passou-se a pesquisar e relatar costumes de determinados grupos, sendo, com isso, empregado o termo “cultura do povo ou cultura popular”, no qual são reconhecidas as legitimidades das manifestações de um povo. Uma das formas originais de manifestação do folclore é através da música. Isso porque a única forma para documentar uma música na época era pela escrita. As cantigas de roda, popularmente conhecidas como cirandas, têm origem no norte do Brasil, no Estado do Amazonas. Consistem em formar um grupo com várias crianças, dar as mãos e cantar uma música com características próprias, como melodia e ritmo equivalentes à cultura local, letras de fácil compreensão; isso, atualmente, não é tão presente na realidade infantil como antigamente, devido às tecnologias existentes. Há algumas características que as cantigas de roda têm em comum, como, por exemplo, o fato de terem letras simples de memorizar, recheadas de rimas, repetições e trocadilhos, o que faz da música uma brincadeira. Muitas vezes, falam da flora e da fauna, comparando a realidade humana à de outras espécies, agregando sentimentos através de prosopopeia. Como, por exemplo, na cantiga o “O Cravo Brigou com a Rosa”, onde a rosa (*Rosa* sp. - Rosales: Rosaceae) e o cravo (*Dianthus caryophyllus* L. - Caryophyllales: Caryophyllaceae) de nossa flora ganham vida fazendo referência às dificuldades (brigas) da vida em casal, que são superadas pelo amor. Há ainda as que retratam histórias sobre despedidas como em “A Rosa Amarela”, onde um sujeito oculto relata sobre a beleza da rosa amarela (*Rosa englanteria* Mill), que o faz chorar pela falta que a mesma lhe fará, pois está a partir. Contudo apesar de esse ser um tema da realidade da criança, não podemos deixar de destacar as cantigas que falam de violência ou de medo. Como é relatado em “Alecrim”, onde um o alecrim (*Rosmarinus officinalis* Mill – Lamiales: Lamiaceae) é disfarçado de flor, fazendo referência a uma figura delicada, mas que na realidade traz lágrimas aos olhos. E em “A Linda Rosa Juvenil”, onde a inveja por parte da bruxa em relação à rosa, por essa ser linda e alegre, fez com que ela adormecesse a flor. Além de terem autoria anônima, as cantigas de roda são continuamente modificadas, adaptando-se à realidade do grupo de pessoas que as canta. Atualmente, temos uma grande dificuldade na aplicação de educação ambiental durante a alfabetização, e nada mais simples que uma brincadeira para gerar aprendizado, divulgação científica e o mais próximo da ecoalfabetização para os mais antigos.

Palavras-chave: ciranda; flora; prosopopeia.



A presença das flores nas cantigas de roda do folclore brasileiro



Camila Nogueira Lopes da Silva* & Thais Ferreira de Oliveira Magalhães
camilanogueira.545@gmail.com

Ao longo do século XVIII, passou-se a pesquisar e relatar costumes de determinados grupos, sendo, com isso, empregado o termo “cultura do povo ou cultura popular”, no qual são reconhecidas as legitimidades das manifestações de um povo. Uma das formas originais de manifestação do folclore é através da música. Isso porque a única forma para documentar uma música na época era pela escrita. As cantigas de roda, popularmente conhecidas como cirandas, têm origem no norte do Brasil, no Estado do Amazonas. Consistem em formar um grupo com várias crianças, dar as mãos e cantar uma música com características próprias, como melodia e ritmo equivalentes à cultura local, letras de fácil compreensão; isso, atualmente, não é tão presente na realidade infantil como antigamente, devido às tecnologias existentes. Há algumas características que as cantigas de roda têm em comum, como, por exemplo, o fato de terem letras simples de memorizar, recheadas de rimas, repetições e trocadilhos, o que faz da música uma brincadeira. Muitas vezes, falam da flora e da fauna, comparando a realidade humana à de outras espécies, agregando sentimentos através de prosopopeia.



Como, por exemplo, na cantiga o “O Cravo Brigou com a Rosa”, onde a rosa (Rosales: Rosaceae) e o cravo (Linnaeus: *Dianthus caryophyllus*) de nossa flora ganham vida fazendo referência às dificuldades (brigas) da vida em casal, que são superadas pelo amor. Há ainda as que retratam histórias sobre despedidas como em “A Rosa Amarela”, onde um sujeito oculto relata sobre a beleza da rosa amarela (Mill: *Rosa englanteria*), que o faz chorar pela falta que a mesma lhe fará, pois está a partir.



Contudo apesar de esse ser um tema da realidade da criança, não podemos deixar de destacar as cantigas que falam de violência ou de medo. Como é relatado em “Alecrim”, onde um o alecrim (Mill: *Rosmarinus officinalis*) é disfarçado de flor, fazendo referência a uma figura delicada, mas que na realidade traz lágrimas aos olhos. E em “A Linda Rosa Juvenil”, onde a inveja por parte da bruxa em relação à rosa, por essa ser linda e alegre, fez com que ela adormecesse a flor.



Além de terem autoria anônima, as cantigas de roda são continuamente modificadas, adaptando-se à realidade do grupo de pessoas que as canta. Atualmente, temos uma grande dificuldade na aplicação de educação ambiental durante a alfabetização, e nada mais simples que uma brincadeira para gerar aprendizado, divulgação científica e o mais próximo da ecoalfabetização para os mais antigos.



Balfourodendron riedelianum
A barata diz que tem



Cucumis melo
De abóbora faz melão



Cayaponia tayuya
Alecrim



Baccharis dracunculifolia
Onde está a Margarida



Chrysanthemum anethifolium
Meu limão, meu limoeiro



Jacaranda mimosifolia
Meu limão, meu limoeiro



Citrus limanum
Meu limão, meu limoeiro

Tem várias outras cantigas que falam do nosso reino, olha só ...



Referências:

ABREU, Luiz Alberto de; CARVALHO, Luiz Fernando de. *Hoje é dia de Maria: Roteiro da 1ª e 2ª jornadas*. São Paulo: Editora Globo, 2005.
AULETE, Caidas. *Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980. v. 5.
HUNGRIA, Camila. Cantigas folclóricas para brincar de roda com as crianças. Lunetas.com.br. 2015. Disponível em <https://www.google.com.br/amp/s/lunetas.com.br/45-cantigas-folcloricas-para-brincar-de-roda-com-as-criancas/amp/>. Acesso em 20 de outubro
ARAÚJO, Ana paula. Cantigas de roda: folclore. Infoescola.com. disponível <https://www.google.com.br/amp/s/www.infoescola.com/folclore/cantigas-de-roda/amp/>. Acesso em 20 de outubro



Flores de chá – antigas e contemporâneas

Rosani do Carmo de Oliveira Arruda^{1*} & Cristiane Pimentel Victório²

¹Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

²Fundação Centro Universitário Estadual da Zona Oeste

*rosaniarruda@gmail.com

De acordo com dados históricos, o consumo de chá remonta à China antiga, há 5.000 anos atrás, atribuído ao imperador chinês Shennong, conhecido com o “Agricultor Divino”, importante conhecedor de plantas medicinais. Preocupado com a saúde dos chineses, obrigava que toda água, ainda que potável, fosse fervida antes de seu consumo, uma forma de prevenção às contaminações. Conta-se que, casualmente, em uma de suas viagens, serviram-lhe água fervida com folhas caídas de um arbusto, sabor que lhe agradou, iniciando o costume de beber chá, um hábito que se difundiria por todo o mundo. O chá, inicialmente, era preparado com folhas de uma árvore da família Theaceae (Ericales), a *Camellia sinensis* L. Variadas formulações, graus de amadurecimento das folhas e níveis de fermentação produziram, há centenas de anos, o que conhecemos como os chás preto, branco, verde, amarelo e vermelho. Além do tradicional chá, outras formas de preparação de bebidas utilizando-se água quente foram sendo descobertas e apreciadas, utilizando outras partes dos vegetais, como raízes, folhas, frutos e flores. Essas preparações por infusão, por não conterem as folhas de chá (*C. sinensis*), receberam o nome de ‘tisanas’ (infusões de outras plantas ou suas partes que não de *C. sinensis*), sendo tão antigas e tradicionais como os chás, também criadas por artesãos chineses. As infusões, com flores ou inflorescências, frescas ou desidratadas, podem ser empregadas como medicinais, digestivas ou relaxantes. O chazinho da vovó é um registro de infância. As flores mais populares são camomila [*Chamomilla recutita* (L.) Rauschert.] e crisântemo [*Dendranthema grandiflorum* (Ramat.) Kitam.], ambas da família Asteraceae (Asterales); flor de hibisco (*Hibiscus sabdariffa* L., Malvales: Malvaceae), conhecida por seu sabor adstringente e, popularmente, por ajudar a emagrecer; ou as aromáticas, como lavanda (*Lavandula angustifolia* Mill., Lamiales: Lamiaceae) e jasmim (*Jasminum officinale* L., Lamiales: Oleaceae). Muito em voga, a “flor de chá” (flowered tea) tem despertado a atenção por conta do seu exotismo e beleza. A “flor”, na verdade, consiste de conjunto de folhas em torno de botões ou flores jovens, colhidas e cuidadosamente secas, moldadas à semelhança de uma esfera. Quando reidratada, com a água fervida para o preparo da infusão, o conjunto se abre, em um movimento lento e delicado que simula o desabrochar de uma flor. As flores mais utilizadas nesse preparo enigmático são principalmente as de amaranto globoso, também conhecida como perpétua ou perpétua roxa (*Gomphrena globosa* L., Caryophyllales: Amaranthaceae), uma planta ornamental muito comum no Brasil, e os jasmims. As flores muitas vezes são utilizadas para aromatizar os chás. O aroma e sabor dos chás se deve à produção de substâncias aromáticas em estruturas secretoras, como os óleos essenciais. Vale ressaltar a presença de taninos que conferem adstringência na boca. Nesses órgãos vegetais, em vista das relações coevolutivas nos ecossistemas, servem para atrair ou repelir polinizadores ou herbívoros. Na Europa e na Ásia é bastante comum o consumo de chás e infusões, sendo países da Ásia, mais especificamente a Índia e a China, grandes exportadores de matérias primas. O consumo de chás é antigo e contemporâneo, com destaque para o costume recente no Sudeste do Brasil, inclusive entre os jovens, com a inauguração de lojas especializadas em chás nas grandes cidades.

Palavras-chave: aromas; infusões; voláteis.



Flores de chá, antigas e contemporâneas

Cristiane Pimentel Victório¹ & Rosani do Carmo de O. Arruda²

1. Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Lab. de Anatomia Vegetal, Campo Grande, MS. Fundação Centro Universitário Estadual da Zona Oeste (UEZO), Lab. de Biotecnologia Ambiental, Rio de Janeiro, RJ. 2. Universidade

De acordo com dados históricos, o consumo de chá remonta à China antiga, há 5.000 anos atrás, atribuído ao imperador chinês Shennong, conhecido com o "Agricultor Divino", importante conhecedor de plantas medicinais. Preocupado com a saúde dos chineses, obrigava que toda água, ainda que potável, fosse fervida antes de seu consumo, uma forma de prevenção às contaminações. Conta-se que, casualmente, em uma de suas viagens, serviram-lhe água fervida com folhas caídas de um arbusto, sabor que lhe agradou, iniciando o costume de beber chá, um hábito que se difundiria por todo o mundo.



Shennong, em uma pintura de Guo Xu, 1503.

O chá, inicialmente, era preparado com folhas de uma árvore da família Theaceae (Ericales), a *Camellia sinensis* L. Variadas formulações, graus de amadurecimento das folhas e níveis de fermentação produziram, há centenas de anos, o que conhecemos como os chás preto, branco, verde, amarelo e vermelho. O chá *oolong* (azul) está entre o preto e verde



A "flor de chá" (*flowered tea*) tem despertado a atenção por conta do seu exotismo e beleza.

A "flor", na verdade, consiste de conjunto de folhas em torno de botões ou flores jovens, colhidas e cuidadosamente secas, moldadas à semelhança de uma esfera. Quando reidratada, o conjunto se abre, em um movimento lento e delicado que simula o desabrochar de uma flor. As flores mais utilizadas nesse preparo são as de amaranto globoso, também conhecida como perpétua ou perpétua roxa (*Gomphrena globosa* L., *Amaranthaceae*, *Caryophyllales*), uma planta ornamental muito comum no Brasil, os crisântemos e os jasmims. As flores muitas vezes são utilizadas para aromatizar os chás.

O aroma e sabor dos chás se deve à produção de substâncias aromáticas em estruturas secretoras, como os óleos essenciais. Vale ressaltar a presença de taninos que conferem adstringência na boca.



Floresculturamix.com



hibisco

O chazinho da vovó é um registro de infância. As flores mais populares são camomila (*Matricaria chamomilla* L., *syn. Chamomilla recutita* (L.) Rauschert.) e crisântemo (*Dendranthema grandiflorum* (Ramat.) Kitam.), ambas da família *Asteraceae*, *Asterales*; flor de hibisco (*Hibiscus sabdariffa* L., *Malvaceae*, *Malvales*), conhecida por seu sabor adstringente e, popularmente, por ajudar a emagrecer; ou as aromáticas, como lavanda (*Lavandula angustifolia* Mill., *Lamiaceae*, *Lamiales*) e jasmim (*Jasminum officinale* L., *Oleaceae*, *Lamiales*).



Perpétua



Crisântemo



<https://medium.com/diariobota>



Tem flor que dá samba - a representação de flores através do mundo do samba

Vinícius de Menezes Estrela Santiago^{1*} & Gilberto Estrela Santiago²

¹Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências, UNIRIO

²Escola Politécnica Joaquim Venâncio, FIOCRUZ

*vestrela97@gmail.com

O samba no Rio de Janeiro começou nas áreas centrais da cidade, nos morros da Conceição e Providência, e através das famosas rodas de samba que aconteciam nas casas das “tias baianas”. A nossa história e a nossa visão do mundo à nossa volta floresciam em maravilhosas melodias. Este trabalho tem como objeto de estudo os sambas de roda e busca trazer uma visão das flores a nossa volta que, às vezes, passam despercebidas no decorrer de nossas vidas. Suscitando uma reflexão, em uma tentativa de popularização da Botânica, área dedicada ao estudo dos vegetais. Nem sempre percebemos, mas ao longo do dia experimentamos diversas sensações que os vegetais nos proporcionam - a sombra de uma árvore, o aroma de uma flor, a chuva do orvalho e até o sabor na nossa alimentação. Levando em conta que naquela época as rodas de samba ocorriam após rituais em terreiros de candomblé, passou a ser comum surgirem nas letras assuntos sobre alguma planta, por ter grande relação com os rituais dessa religião. Também era comum surgirem sambas a partir da memória de uma terra distante, algumas no próprio Brasil, em referência as migrações de estados do Norte e Nordeste para o Sudeste (Rio de Janeiro, principalmente), algo recorrente na época; ou, até da África para o Brasil, devido ao histórico dessa região do Centro do Rio de Janeiro, conhecida como pequena África. Um bom exemplo dessa presença é a flor da laranjeira, planta da família botânica Rutaceae (Sapindales), do gênero *Citrus* L., presente em músicas de Cartola, Clemilda, Martinho da Vila, dentre outros. Uma flor conhecida por possuir cheiro forte e bastante agradável, apresentando pétalas brancas, glândulas de óleos essenciais, e ser organizada em inflorescência em cacho, de hábito arbóreo e com fruto em baga. É muito presente no cotidiano pela sua importância comercial, sendo um fruto rico em vitamina C e com grande representação na gastronomia brasileira, com presença na feijoada, comida comum de rodas de samba. Outra flor comum em rodas é a rosa, Rosaceae (Rosales), citada por autores como Toquinho, Cartola, Noel Rosa, Vinicius de Moraes, dentre outros. A rosa ficou conhecida por seu simbolismo romântico e pela presença em terreiros de candomblé para representar algumas divindades, como pomba gira e rosa caveira. Supondo que as rosas não falam, o samba logo deu expressão, vocalizando com todo seu encanto seus sentimentos, mostrando que, mesmo assim, “elas simplesmente exalam o perfume que roubem de ti [...]” (“As Rosas Não Falam” – Cartola, 1974). Atualmente, a *Rosa* sp tem uma flor que sofreu muitas modificações e que muitas vezes nem são mais férteis, não gerando fruto, mas em sua versão selvagem possui cinco pétalas, hábito arbustivo, coloração variada, presença de acúleos e fruta em baga. Podemos então utilizar aspectos da nossa cultura, como a música tradicional brasileira, em uma tentativa de aflorar as percepções para a presença de flores ao nosso redor. A partir desse estímulo, podemos levar o teor científico com o intuito de popularizar estudos botânicos.

Palavras-chave: divulgação; flores; música.



Tem Flor que dá Samba

a representação de flores através do mundo do samba

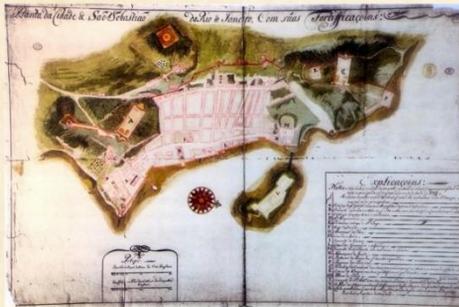
Vinícius de Menezes Estrela Santiago¹, Gilberto Estrela Santiago²

1 – Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural – UNIRIO

vestrela97@gmail.com

2 – Escola Politécnica Joaquim Venâncio – FIOCRUZ

gilberto.estrela@fiocruz.br



O samba começou nas áreas centrais da cidade, nos morros da Conceição e Providência, através das famosas rodas de samba que aconteciam nas casas das “tias baianas”.

Nas letras vemos a nossa história e a nossa visão do mundo à nossa volta, que florescem em maravilhosas melodias.

Tendo esse trabalho o objetivo de trazer uma visão das flores a nossa volta através de Letras de Samba.

Nessa época as rodas de samba ocorriam após rituais em terreiros de candomblé, sendo comum surgirem nas letras assuntos sobre alguma planta, por ter grande relação com os rituais dessa religião.

Comum surgirem também sambas que falam sobre a memória de uma terra distante, algumas no próprio Brasil, em referência as migrações de estados do Norte e Nordeste para o Sudeste (Rio de Janeiro, principalmente), algo recorrente na época; ou, até da África para o Brasil, devido ao histórico dessa região do Centro do Rio de Janeiro

Podendo então usar aspectos da nossa cultura, como o samba de roda, em uma tentativa de aflorar as percepções para a presença de flores ao nosso redor.

Levando a partir desse estímulo, o teor científico com o intuito de popularizar estudos botânicos.

Rosaceae (Rosales)

Cartola – As Rosas Não Falam

Queixo-me às rosas
Mas que bobagem
As rosas não falam
Simplesmente as rosas exalam
O perfume que roubam de ti, ai



Rutaceae (Sapindales), do gênero *Citrus*, L.

Clemilda – A Flor da Laranjeira

A flor da laranjeira
Alo Bahia
Cheira mais que aroeira

Alo Bahia
A baiana já conhece
Alo Bahia
O cheiro da laranjeira
Alo Bahia

Vou mandar tirar
Vou mandar tirar
Flor de laranja
Pro meu benzinho cheirar





Ave do paraíso: ilusões da anatomia vegetal e animais mitológicos

Lucas H. Lopes^{1,2} & Luiz Antonio da C. Rodrigues^{1,3*}

¹Centro Universitário Celso Lisboa

²Museu da Vida, FIOCRUZ

³Museu Nacional, UFRJ

*luiz.rodrigues@celsolisboa.edu.br

Este trabalho aborda a relação de características ilusórias comuns entre a flor ave do paraíso (*Strelitzia reginae* Banks - Zingiberales: Strelitziaceae) e o animal místico de mesmo nome presente no episódio 41 da série de desenho animado Duelo Shaolin (Xiaolin Showdown – 2005/2006). A animação retrata a história de quatro jovens monges que veem em uma velha senhora cantarolando desafinadamente nas portas do templo um presságio: a chegada da ave do paraíso; quem encontrá-la, terá poderes inigualáveis que não poderiam ser roubados. Segundo o desenho, “Ela se esconde na Terra de Lugar Nenhum, atrás do Vale de Algum Lugar, mas não chega à Selva de Nem Lá Nem Cá”. Os heróis então partem em sua busca guiada por metáforas e uma folha mágica que lhes indica o caminho, como uma bússola, quando posta sobre água. No caminho, a velha senhora reaparece, pedindo-lhes ajuda para atravessar um rio, contudo, desequilibra-se e acaba caindo, clamando socorro para não se afogar, e é resgatada por um dos monges. Porém o ocorrido foi suficiente para que se distraíssem e tivessem a folha mágica roubada por um dos antagonistas da história. Finalmente, chegam à Cidade dos Ossos, lá encontram um papagaio (Psittaciformes: Psittacidae) e indagam ao animal se ele é a tal ave do paraíso, o animal então repete incessantemente “ave do paraíso” e logo é capturado pelo antagonista. A anciã aparece novamente para agradecer o resgate e se transforma na ave do paraíso, aflorando nos monges seus poderes de coragem, bondade, gentileza, força. Analogamente, a flor também conhecida como estrelítzia, revela em sua morfologia estruturas que não são o que o senso comum pressupõe. É anatomicamente uma inflorescência, ou seja, um conjunto de flores dispostas sobre a bráctea, órgão vegetal de origem foliar, comumente presente em plantas cujas flores não sejam atrativas a polinizadores. Ou seja, são folhas modificadas por adaptações evolutivas. Essas se assemelham a um bico alongado, ao passo que as sépalas e pétalas lembram uma crista de penas de uma ave colorida. É uma planta herbácea que chega a aproximadamente 1,5 m de altura, perene, ou seja, com ciclo de vida longo e rizomatosas, portanto, sem caules aéreos visíveis. Originária da África, apresenta boa produção biológica sob sol pleno e temperaturas próximas a 25°C. Todavia, para além do universo televisivo de animação, há pássaros que parecem ter origem de alguma pintura ou obra de arte, formam um grupo de Passeriformes conhecido por aves do paraíso (Paradisaeidae). Acreditamos que com a exuberância de cores e formas, tanto de penas, cristas, bicos e caudas quanto de brácteas e flores, possa-se fazer uso desses personagens icônicos e populares para a educação em ciências botânicas, atentando principalmente à preservação de espécies.

Palavras-chave: bráctea; cultura pop; morfologia vegetal; Strelitziaceae.



Ave do paraíso: Ilusões da anatomia vegetal e animais mitológicos

Lucas H. Lopes¹; Luiz Antonio da C. Rodrigues²

²Museu Nacional- UFRJ; ¹Museu da Vida – Fiocruz; ^{1,2}Centro Universitário Celso Lisboa
lhelena.nala@gmail.com; luiz.rodrigues@celsolisboa.edu.br



CELSO LISBOA
Centro Universitário



Museu da Vida

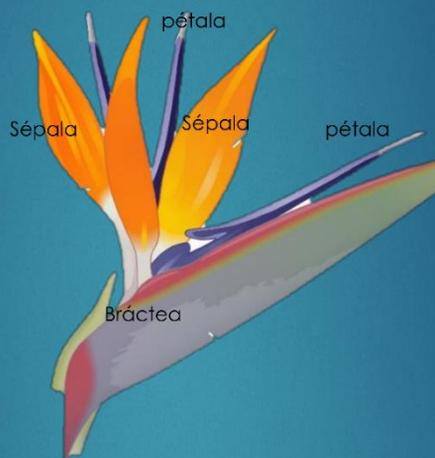
O episódio 41 do desenho animado Duelo Shaolin retrata a história de quatro jovens monges que veem em uma velha senhora cantarolando desafinadamente nas portas do templo um presságio: a chegada da ave do paraíso!

Quem encontrá-la, terá poderes inigualáveis que não poderiam ser roubados.



Duelo Shaolin (Xiaolin Showdown – 2005/2006) Ep. 41

Strelitzia reginae (Banks)



Flor ou inflorescência ???



É, morfologicamente, uma inflorescência, ou seja, um conjunto de flores dispostas sobre a bráctea, órgão vegetal de origem foliar comumente servindo para proteger o botão floral. Ou seja, são folhas modificadas por adaptações evolutivas. Estas se assemelham a um bico alongado, ao passo que as sépalas e pétalas lembram uma crista de penas de uma ave colorida.



“Ela se esconde na Terra de Lugar Nenhum, atrás do Vale de Algum Lugar, mas não chega à Selva de Nem Lá Nem Cá.”



Há uma flor brasileira no jardim de Monet?

Cristiane Pimentel Victório^{1*} & Rosani do Carmo de Oliveira Arruda²

¹Fundação Centro Universitário Estadual da Zona Oeste

²Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

*cris.pvictor@gmail.com

A beleza da planta em florescimento foi pintada por vários artistas ao redor do mundo. Entre eles, Claude Monet (* Paris, 14/11/1840 - † Giverny 5/12/1926), impressionista que nos arrebatou com sua obra artística ilustrando os jardins da sua própria casa. A arte imita a vida. O Jardim de Monet, em Giverny (Normandia), divide-se em um jardim floral - o Clos Normand, e o jardim aquático japonês. A natureza foi sua inspiração e as impressões mais significativas foram as flores, das mais variadas, eternizadas nas pinturas. Em 1885, aparecem os primeiros quadros sob o nome de "jardins d'água". A parte mais popular do jardim é a ponte japonesa sobre os nenúfares (ninfeias), representados em "O Lago das Ninfeias" (Bassins aux nymphéas, 1899), em óleo sobre tela nas dimensões de 89,5 x 92,5 cm. E será que encontramos ninfeias brasileiras no Jardim de Monet? Monet buscou plantas floríferas em vários países, e também no Brasil, para montar seu jardim. Até o final do século XIX, a ninfeia nativa da Europa produzia apenas flores brancas e, a partir de 1875, registros de híbridos obtidos em viveiros por cruzamentos manipulados pelo homem produziram ninfeias com flores azuis, róseas e amarelas, que foram introduzidas no lago de Monet. Acometido pela catarata, ele não deixou o ofício, mas reimprimiu as ninfeias em pinceladas turvas delineadas por manchas coloridas nas suas telas. Os últimos anos de sua vida foram dedicados à captura da beleza de suas flores através da luminosidade que as cores expressam. Monet captou a delicadeza das flores das ninfeias com pinceladas curtas de tinta branca espessa, salpicos de rosa e toques de vermelho profundo. Ao todo são cerca de 250 pinturas a óleo da série dos nenúfares. Os nenúfares pertencem à família Nymphaeaceae R.A. Salisbury (Nymphaeales), que reúne oito gêneros [*Barclaya* Wall., *Euryale* Salisb., *Nuphar* (Aiton.) Aiton., *Hydrostemma* Wall., *Nymphaea* L., *Nymphozanthus* Rich., *Ropalon* Raf. e *Victoria* Lindl.] de plantas aquáticas cosmopolitas, rizomatosas, com folhas flutuantes devido à presença de aerênquima (tecido especializado que possui canais de ar), sementes que flutuam quando estão envolvidas pelo arilo para que ocorra dispersão, e que encantam de Norte a Sul, Leste a Oeste as gerações. A flor, que pode ser lilás, vermelha, rósea, amarela ou branca, abrem durante o dia ou à noite, ou em ambos os períodos, e são a principal diferenciação entre as espécies pois, quando se encontram em estágio vegetativo, as folhas são muito semelhantes. Essa família vem de uma linhagem antiga de angiospermas e no Brasil, a família é representada por espécies dos gêneros *Nymphaea*, a maioria, e *Victoria*, endêmico na Região Amazônica [*Victoria amazonica* (Poepp.) J.C. Sowerby], que compreende as maiores ninfeias do mundo, com folhas de até 2,5 m de diâmetro. Os povos indígenas da Amazônia conhecem as vitórias-régias pelos nomes de aapé, aguapé-assú, jaçanã, nampé e irupé. As pinturas de Monet, de 1899 a 1924, nos mostram o encanto pelas ninfeias que perpassa a história desde o Egito Antigo, entre mito e realidade. O nome 'ninfeia' tem origem na palavra grega νυμφαία (nymphaia) inspirada pela figura das ninfas da mitologia grega. Os antigos egípcios reverenciavam os lírios d'água às margens do Rio Nilo. São flores presentes nas esculturas e nos adereços dos templos do Antigo Egito. Flores de muitas cores, vida e morte, luz e cor, vida além da vida. Então, se existe uma flor brasileira no jardim de Monet, essa se chama *Nymphaea* e/ou *Victoria* nome que é dado popularmente às espécies da família Nymphaeaceae.

Palavras-chave: impressionismo; *Nymphaea*; Nymphaeaceae; planta aquática.



Há uma flor brasileira no jardim de Monet?

Cristiane Pimentel Victório¹ & Rosani do Carmo de O. Arruda²

1. Fundação Centro Universitário Estadual da Zona Oeste (UEZO), Lab. de Biotecnologia Ambiental, Rio de Janeiro, RJ. 2. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Lab. de Anatomia Vegetal, Campo Grande, MS.

Nymphaeaceae Salisb.

Os nenúfars pertencem à família *Nymphaeaceae* R.A. Salisbury (Nymphaeales), que reúne oito gêneros (*Barclaya* Wall., *Euryale* Salisb., *Nuphar* (Alton.) Alton., *Hydrostemma* Wall., *Nymphaea* L., *Nymphaezanthus* Rich., *Ropalon* Raf. e *Victoria* Lindl.) de plantas aquáticas cosmopolitas, rizomatosas, com folhas flutuantes devido à presença de aerênquima (tecido especializado que possui canais de ar), sementes que flutuam quando estão envolvidas pelo arilo para que ocorra dispersão, e que encantam de Norte a Sul, Leste a Oeste as gerações. A flor, que pode ser lilás, vermelha, rósea, amarela ou branca, abrem durante o dia ou à noite, ou em ambos os períodos, e são a principal diferenciação entre as espécies pois, quando se encontram em estágio vegetativo, as folhas são muito semelhantes. No Brasil, a família é representada por espécies dos gêneros *Nymphaea* L., a maioria, e *Victoria*, endêmico na Região Amazônica (*Victoria amazonica*), que compreende as maiores ninfeias do mundo, com folhas de até 2,5 m de diâmetro. As pinturas de Monet, de 1899 a 1924, nos mostram o encanto pelas ninfeias que perpassa a história desde o Egito Antigo, entre mito e realidade. O nome 'ninféia' tem origem na palavra grega νύμφα (nymphai) inspirada pela figura das ninfas da mitologia grega (espíritos da natureza).



* Paris, 14/11/1840
† Giverny, 5/12/1926



Em 1883, Monet mudou-se para Giverny, Normandia, onde criou seus jardins com plantas de várias partes do mundo. Destaque para a "A Ponte japonesa" sobre o lago das nenúfars (ninféias), reproduzidas em várias pinturas.



Le Bassin aux Nymphéas, 1919, pintou com a visão comprometida pela catarata. Coleção particular



Pinturas impressionistas de Claude Monet, mostrando as ninfeias da Europa e de outros continentes.



E será que encontramos ninfeias brasileiras no Jardim de Monet? Monet buscou plantas floríferas em vários países, e também no Brasil, para montar seu jardim. Se existe uma flor brasileira no jardim de Monet, essa se chama *Nymphaea* e/ou *Victoria* nome que é dado popularmente a muitas espécies da família *Nymphaeaceae*.



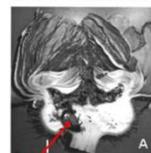
"Ciclo das Ninféias" Museu de Oratório



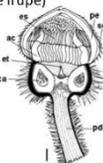
Planta nativa Brasil: *Nymphaea amazonica* Mart. & Zucc.



Planta nativa Brasil: *Victoria amazonica* (Poepp.) J.C. Sowerby (vitória-régia, e nomes indígenas aapé, aguapé-assú, jaçanã, nampé e irupé)



Besouro¹ *Cyclocephala*



Botão floral seccionado longitudinalmente (ac = apêndice carpelar; ca = carpelo; es = estame; et = estigma; pd = pedicelo com aerênquima; pe = pétala; se = sépala).²



REFERÊNCIAS

- Rosa-Osman et al. (2011). Morfologia da flor, fruto e plântula de *Victoria amazonica* (Poepp.) J.C. Sowerby (Nymphaeaceae). *Acta Amazonica*, 41(1), 21-28. <https://doi.org/10.1590/S0044-3967011000190003>
- The Plant List - <http://www.theplantlist.org/>
- REFLORA: Flora do Brasil 2020 - <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>
- Raposo, M T R (1998). O convento de Imitação na pintura Renascentista e Impressionista.
- Tucker, P H (1995) Claude Monet: Life and Art Amiccare Pizzi, Italy. ISBN 0-300-06298-2



A lagoa de lírio d'água, 1899 Metropolitan Museum of Art



Quando a arte salta da tela: as flores de Marianne North no Brasil

Rosângela Pertile^{1*} & Arlindo Serpa-Filho^{1,2}

¹Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência, Museu da Vida, COC/FIOCRUZ

²Setor de Divulgação Científica, Instituto Nacional da Mata Atlântica

*rosangeladriveha@gmail.com

Antes do advento da fotografia, os ilustradores botânicos tiveram um papel preponderante para o registro e catalogação das espécies. Eram esses artistas que participavam das expedições científicas e filosóficas para registrar imagetivamente possíveis novas espécies biológicas. Dentre esses ilustradores, temos a figura de Marianne North (1830-1890), uma inglesa da era vitoriana, artista e naturalista, à frente de seu tempo. Dentre suas relações mais ilustres está a amizade com Charles Darwin, de onde surgiu a sugestão que North visitasse a África e a Oceania. Ela esteve no Brasil no período de 1872-1873 e em suas pinturas, objeto deste trabalho, constam várias espécies botânicas retratadas. Atualmente suas pinturas estão em um espaço de exposição permanente na Marianne North Gallery, no Royal Botanic Gardens, em Kew, Inglaterra, onde podemos listar 848 obras relacionadas a flora mundial, na qual, 112 imagens pertencem a biodiversidade brasileira. Pela precisão científica com que a natureza foi registrada em seus trabalhos, o botânico Joseph Dalton Hooker a homenageia com a identificação e classificação de um novo gênero, *Northea* Hook., e quatro novas espécies, *Nepenthes northiana*, *Criniun northianun*, *Areca northiana* e *Kniphofia northiana*. Em 1872, ao viajar para Minas Gerais, é apresentada a Dom Pedro II, que reencontra em sua galeria, já em Londres. Neste trabalho, apresentaremos de forma geral um checklist de 23 imagens que retratam várias espécies de flores e inflorescências pintadas nas aquarelas de Marianne North, no Brasil. Vale ressaltar que no território brasileiro, um dos locais onde a artista teve mais produção artística, foi a cidade do Rio de Janeiro. A lista das espécies contempla: *Oreodoxa regia* (Kunth) O.F. Cook (Arecales: Arecaceae); *Abelmoschus esculentus* (L.) Mönch (Malvales: Malvaceae); *Eugenia brasiliensis* Lam.; *Psidium guajava* L.; *Melastoma* sp.; *Tibouchina granulosa* (Desr.) Cogn. (Myrtales: Melastomataceae); *Curcubita* sp. (Cucurbitales: Cucurbitaceae); *Solanum betaceum* Cav. (Solanales: Solanaceae); *Ipomoea pes-caprae* (L.) Lam. (Solanales: Convolvulaceae); *Clusia fluminensis* Planch. & Triana (Malpighiales: Clusiaceae); *Thunbergia alata* Bojer ex Sims (Lamiales: Acanthaceae); *Plumeria rubra* L.; *Strophanthus gratus* (Wall. & Hook.) Baill. (Gentianales: Apocynaceae); *Clusia* sp. (Malpighiales: Clusiaceae); *Sisyrinchium angustifolium* Miller (Asparadales: Iridaceae); *Bletia* Ruiz & Pavón; *Cattleya intermedia* Graham; *Cattleya loddigesii* var. *amethystina* C. Morren ex Lem.; *Oncidium ampliatum* Lindl.; *Oncidium concolor* Hook.; *Tillandsia aeranthus* (Loiseleur) L.B. Smith; *Zygopetalum intermedium* Lodd. ex Lindl. (Orchidales: Orchidaceae); *Cassia corymbosa* Lamk.; *Erythrina corallodendron* L.; *Strongylodon macrobotrys* A. Gray.; *Pedriandra mediterranea* (Vell.) Taub. (Fabales: Fabaceae); *Vellozia verruculosa* Mart (Lilliales: Velloziaceae); *Xyris* sp. (Poales: Xyridaceae); *Passiflora alatta* Curtis (Malpighiales: Passifloraceae); *Aristolochia brasiliensis* Mart. & Zucc. (Malpighiales: Aristolochiaceae); *Evolvulus glomeratus* Nees & Mart. (Solanales: Convolvulaceae); *Euphorbia pulcherrima* Willd. ex Klotzsch (Malpighiales: Euphorbiaceae); *Brugmansia arborea* (L.) Sweet (Solanales: Solanaceae); *Begonia maculata* Raddi (Cucurbitales: Begoniaceae); *Macrosiphonia longiflora* (Desf.) Müll. (Gentianales: Apocynaceae); *Haemanthus multiflorus* Martyn, *Haemanthus tenuiflorus* Herb. (Asparadales: Amaryllidaceae). Foi verificado também que as famílias Orchidaceae, Fabaceae, Clusiaceae e Apocynaceae foram mais retratadas em suas aquarelas.

Palavras-chave: aquarela; classificação botânica; ilustração botânica.



Quando a arte salta da tela: as flores de Marianne North no Brasil

PERTILE, Rosângela A.¹ & SERPA FILHO, Arlindo²

1-Pós-graduanda da Especialização e Divulgação e Popularização científica, Museu da Vida/COC/FIOCRUZ Contato: rosangelapertile@gmail.com
2-Divulgação Científica, Instituto Nacional da Mata Atlântica Contato: serpafilho5@gmail.com

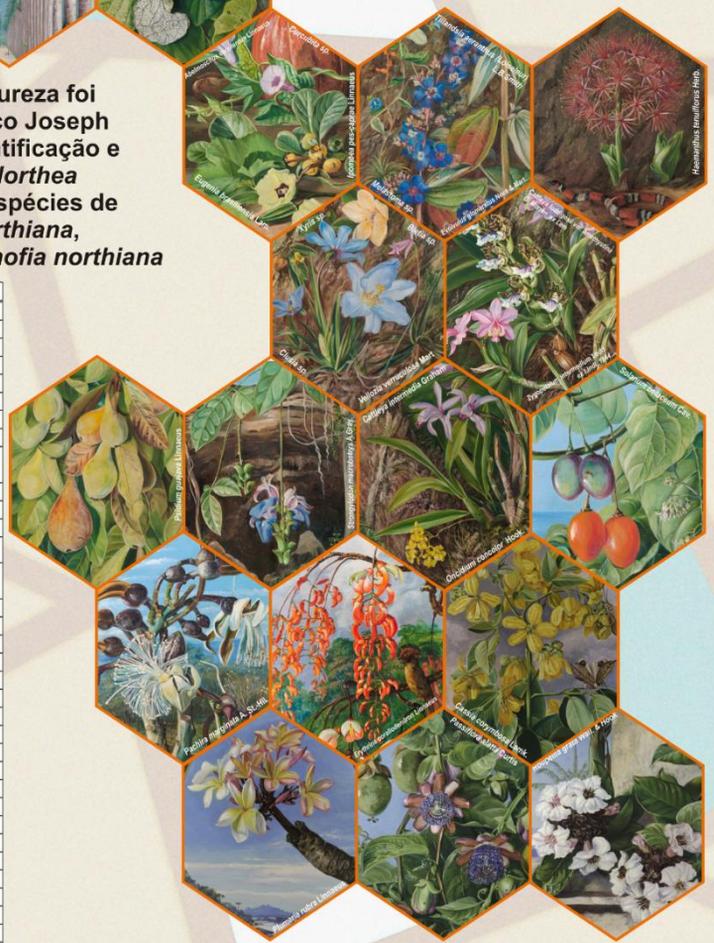


Marianne North (1830-1890) foi uma inglesa da era vitoriana, artista e naturalista, à frente de seu tempo. Dentre suas relações mais ilustres está a amizade com Charles Darwin, de onde surgiu a sugestão que North visitasse a África e a Oceania.

Ela esteve no Brasil no período de 1872-1873 e em suas pinturas, objeto deste trabalho, constam várias espécies botânicas retratadas

Pela precisão científica com que a natureza foi registrada em seus trabalhos, o botânico Joseph Dalton Hooker a homenageia com a identificação e classificação de um novo gênero – *Northea* (*Northea seychellana*), e quatro novas espécies de plantas, sendo elas a, *Nepenthes northiana*, *Criniun northianun*, *Areca northiana* e *Kniphofia northiana*

| ESPÉCIE | FAMÍLIA |
|---|------------------|
| <i>Oreodoxa regia</i> (<i>Roystonea regia</i>) (Kunth) O.F.Cook | Arecaceae |
| <i>Abelmoschus esculentus</i> (Linnaeus) Mönch | Malvaceae |
| <i>Eugenia brasiliensis</i> Lam. | Myrtaceae |
| <i>Curcubita</i> sp. | Cucurbitaceae |
| <i>Ipomoea pes-caprae</i> (Linnaeus) Lam. | Convolvulaceae |
| <i>Clusia fluminensis</i> Planch. & Triana | Clusiaceae |
| <i>Tibouchina granulosa</i> (Desr.) Cogn. | Melastomataceae |
| <i>Thunbergia alata</i> Bojer ex Sims | Acanthaceae |
| <i>Roupellia grata</i> Wall. & Hook. synonym of <i>Strophanthus gratus</i> (Wall. & Hook.) Baill. | Apocynaceae |
| <i>Clusia</i> sp. | Clusiaceae |
| <i>Sisyrinchium angustifolium</i> Miller, Gard. | Iridaceae |
| <i>Oncidium ampliatum</i> Lindl. 1833 | Orchidaceae |
| <i>Periandra dulcis</i> sin de <i>Pedriandra mediterrânea</i> (Vell.) Taub. | Fabaceae |
| <i>Cyphomandra betacea</i> (Cav.) Sendtn. é sin. hom. de. <i>Solanum betaceum</i> Cav. | Solanaceae |
| <i>Psidium guajava</i> Linnaeus | Myrtaceae |
| <i>Plumeria rubra</i> Linnaeus | Apocynaceae |
| <i>Cattleya loddigesii</i> var. <i>amethystina</i> C. Morren ex Lem | Orchidaceae |
| <i>Zygopetalum intermedium</i> Lodd. ex Lindl. 1844 | Orchidaceae |
| <i>Vellozia verruculosa</i> Mart | Velloziaceae |
| <i>Xyris</i> sp. | Xyridaceae |
| <i>Bletia</i> sp. | Orchidaceae |
| <i>Clusia</i> sp. | Clusiaceae |
| <i>Passiflora alatta</i> Curtis | Passifloraceae |
| <i>Cattleya intermedia</i> Graham | Orchidaceae |
| <i>Oncidium concolor</i> Hook. 1839 | Orchidaceae |
| <i>Aristolochia brasiliensis</i> Mart. & Zucc | Aristolochiaceae |
| <i>Melastoma</i> sp. | Malastomataceae |
| <i>Tillandsia aeranthus</i> (Loiseleur) L.B.Smith | Orchidaceae |
| <i>Evolvulus glomeratus</i> Nees & Mart. | Convolvulaceae |
| <i>Euphorbia pulcherrima</i> (Willd. Ex Klotzsch, 1834) | Euphorbiaceae |
| <i>Brugmansia arborea</i> (Linnaeus) Sweet | Solanaceae |
| <i>Begonia maculata</i> Raddi, 1820 | Begoniaceae |
| <i>Erythrina corallodendron</i> Linnaeus | Fabaceae |
| <i>Macrosiphonia longiflora</i> (Desf.) Müll.Arg. | Apocynaceae |
| <i>Scadoxus multiflorus</i> (Martyn) Raf. Sin.: <i>Haemanthus multiflorus</i> Martyn, <i>Haemanthus tenuiflorus</i> Herb. | Amaryllidaceae |
| <i>Pachira marginata</i> A. St.-Hil., Fl. Bras | Bombacaceae |
| <i>Cassia corymbosa</i> Lamk. | Caesalpiaceae |
| <i>Strongylodon macrobotrys</i> A.Gray. | Fabaceae |





As flores de J.K. Rowling

Virgínia Codá

Casa de Oswaldo Cruz, FIOCRUZ
virginiacoda@gmail.com

A série Harry Potter, da autora J.K. Rowling, tem sido um dos maiores sucessos do século XXI, sendo lida e assistida por milhares de fãs em todo o mundo. Apesar do último livro ter sido lançado em 21 de julho de 2007 e o último filme em 19 de novembro de 2010, até hoje muitos fatos da série ainda são descobertos e analisados por fãs, assim como revelados pela autora em entrevistas e em suas redes sociais. Um detalhe que passa despercebido por alguns fãs é a quantidade de flores em que a autora simbolicamente se inspirou para aplicar características às individualidades dos personagens. Lily Potter (Lílian Potter, na versão brasileira), a mãe que se sacrificou por seu filho Harry Potter, teve seu nome inspirado no lírio (*Lilium* sp. - Liliaceae), que simboliza pureza, modéstia e, na cultura chinesa, representa as mães. Petunia Dursley, a grosseira tia materna de Harry Potter, teve seu nome inspirado na flor de petúnia (*Petunia jussieu* - Solanaceae), que representa o ressentimento. Lavender (Lavanda) Brown, na versão brasileira conhecida como Lilá Brown, foi inspirada na *Lavandula* L. (Lamiaceae), e é uma das alunas de Hogwarts e primeiro relacionamento de Rony Weasley, que acabou provocando ciúmes em Hermione, tendo um sentido positivo (devoção, amor) em algumas culturas e negativo (pretensão) em outras. Narcisa Malfoy, mãe de Draco Malfoy e uma das personagens que mais tentava proteger a própria família a qualquer custo, teve seu nome baseado na flor narciso (*Narcissus* L. - Amaryllidaceae), que exotericamente tem significado de vaidade e egoísmo. A personagem Pansy Parkinson, aluna da Sonserina e uma das fiéis seguidoras de Draco, faz referência à flor pansy (*Viola tricolor* L., Violaceae), no Brasil conhecida como amor-perfeito, que simboliza sentimento jamais esquecido, amor duradouro. Madame Pomfrey é responsável pela ala hospitalar da escola e sempre se esforça em aliviar a dor daqueles que precisam, tendo seu nome baseado na papoula (Papaveraceae), que é uma flor bastante utilizada no preparo de sedativos e analgésicos. Fleur Delacour, aluna de Beauxbatons e participante do torneio Tribruxo, teve esse nome escolhido (flor, em francês) para mostrar, ao decorrer da saga, seu desabrochar como personagem, além de fazer uma correlação à atração ao aroma de uma flor com o charme que possui por ser metade veela (criaturas fisicamente semelhantes a humanos providos de extrema beleza e sedução, mas que quando estressadas se transformam em monstros ferozes). Padma Patil, que é indiana e no livro é aluna da Corvinal, teve seu nome inspirado na versão sânscrita da flor de lótus (*Nelumbo nucifera* Gaertn - Nelumbonaceae). Por último, o próprio nome da escola, Hogwarts, foi inspirado em uma flor chamada popularmente de hogwort, da planta *Croton capitatus* Michaux (Euphorbiaceae), que a autora viu com uma amiga pela primeira vez em um parque de Londres, sete anos antes do primeiro livro ser escrito. As flores sempre foram bastante utilizadas nas artes, como a literatura, o que permite que a Botânica Cultural seja apresentada e popularizada. Isso é interessante de ser visto em uma série de livros cujo foco é o público infanto-juvenil, já permitindo que pessoas de pouca idade tenham tal contato com a Biologia Cultural.

Palavras-chave: Botânica Cultural; Biologia Cultural; Harry Potter; simbologia.



As Flores de J.K. Rowling

Virgínia Codá
virginiacoda@gmail.com

Mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde
COC/FIOCRUZ



LÍLIAN POTTER

A mãe que se sacrificou por seu filho: nome inspirado no lírio (*Lilium sp.* Linnaeus, 1753), que simboliza pureza, modéstia e, na cultura chinesa, representa as mães.



PETÚNIA DURSLEY

A grosseira tia materna de Harry Potter: nome inspirado na flor de petúnia (*Petunia Jussieu, 1789*), que representa o ressentimento.



LAVANDER (LILÁ) BROWN

Aluna de Hogwarts e primeiro relacionamento de Rony Weasley, que acabou provocando ciúmes em Hermione: nome inspirado na flor lavanda (*Lavandula Linnaeus, 1753*), tendo um sentido positivo (devoção, amor) em algumas culturas e negativo (pretensão) em outras.



NARCISA MALFOY

Mãe de Draco Malfoy e uma das personagens que mais tentava proteger a própria família a qualquer custo: nome inspirado na flor narciso (*Narcissus Linnaeus, 1753*), que exotericamente tem significado de vaidade e egoísmo.



PANSY PARKINSON

Aluna da Sonserina e uma das fieis companheiras de Draco Malfoy: nome inspirado na flor pansy, que em português se chama amor-perfeito (*V. tricolor Linnaeus, 1753*), simbolizando sentimento jamais esquecido, amor duradouro.



MADAME POPPY POMFREY

Responsável pela ala hospitalar da escola, sempre ajudando a aliviar a dor daqueles que precisam: nome baseado na papoula (*Papaveraceae Jussieu, 1789*), que é uma flor bastante utilizada no preparo de sedativos e analgésicos.



PADMA PATIL

Aluna de Hogwarts que acompanhou Rony ao baile do torneio Tribruxo: nome inspirado na versão sânscrita da flor de lótus (*Nelumbo nucifera Gaertn, 1788*), que significa pureza espiritual.



HOGWARTS

Nome da escola de magia e bruxaria: inspirado em uma flor chamada popularmente de hogwort, da planta *Croton capitatus Michaux 1803*.

Além dessas, a personagem **FLEUR DELACOUR** tem seu nome inspirado na própria palavra flor, fazendo correlação ao aroma da flor com o charme que possui por ser metade veela (criaturas fisicamente semelhantes a humanos providos de extrema beleza e sedução, mas que quando estressadas se transformam em monstros ferozes).



Funerogâmicas – O uso de flores em rituais funerários

Rômulo Fagundes Sodré

Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências, UNIRIO
romulo.stantz@gmail.com

O uso de flores em rituais funerários é uma tradição tão antiga que suas origens se perderam ao longo da história. Durante muitas décadas, essa prática foi considerado algo realizado até mesmo por neandertais, *Homo neanderthalensis* King, 1864 (Primates: Hominidae), devido à descoberta em 1960 dos restos mortais de vários indivíduos na caverna de Shanidar, Iraque, com um deles encontrando-se cercado por aglomerados de flores e pólen (teoria atualmente descartada, uma vez que posteriormente foram encontrados buracos no local similares aos produzidos pelo *Meriones persicus* Blanford, 1875 (Rodentia: Muridae), um roedor presente na região que se alimenta de plantas e sementes). Simbologias como a beleza intensa, porém efêmera, das flores e campos floridos como um local de descanso eterno tornaram a associação com a morte ainda mais forte. Através de levantamento bibliográfico, foi pesquisado o uso das flores em eventos funerários, desde sua aplicação prática, usando o aroma para disfarçar possíveis odores de decomposição (prática comum em épocas onde não era realizado embalsamento), até o conceito por trás das espécies e cores utilizadas. Apesar dos significados mudarem de acordo com a região, espécies dos gêneros *Chrysanthemum* L. (Asterales: Asteraceae), *Gladiolus* L. (Asparagales: Iridaceae), *Lilium* L. (Liliales: Liliaceae) e *Rosa* L. (Rosales: Rosaceae) estão entre as plantas predominantemente usadas ao redor do mundo, representando sentimentos ou características relacionados ao falecido, tradicionalmente em variedades de cores claras como branco e amarelo, remetendo a um estado de paz. Essa simbologia, mesmo que desconhecida por grande parte dos praticantes, estabelece as flores como uma das melhores formas de expressão frente a perda de um ente querido, usando de sua beleza para dar palavras a um momento onde é comum não saber o que dizer.

Palavras-chave: Botânica; funerais; tradições.



Funerogâmicas

O uso de flores em rituais funerários

Rômulo Fagundes Sodré

Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências, UNIRIO
 rfmilostantz@gmail.com

Introdução

Uma das certezas da vida é que, em algum momento, será preciso lidar com a morte de um ente querido. Neste momento difícil, é comum encontrar dificuldade em expressar sentimentos, e uma das formas mais usadas para representar o afeto sentido pela pessoa é através do uso de flores.

Este costume, tão antigo que suas origens foram perdidas ao longo da história, é compartilhado por diferentes culturas ao redor do mundo. Além do valor simbólico, o uso de flores também possuiu por muito tempo efeito prático, pois o aroma vindo delas ajudava a disfarçar os odores da decomposição.

Caverna de Shanidar e o funeral neandertal

No início dos anos 1960, um grupo de pesquisadores liderado pelo arqueólogo Ralph Solecki encontrou, na caverna de Shanidar, localizada no Iraque, os restos mortais de nove *Homo neanderthalensis* King, 1864 que viveram entre 35.000 a 65.000 anos atrás. A análise do solo da caverna revelou que um deles, chamado de Shanidar 4, encontrava-se cercado de depósitos de pólen de diversas plantas. Desde então, essa descoberta vinha sendo usada como evidência de que ritos funerários já eram praticados por neandertais.

Porém, estudos recentes encontraram na região inúmeras tocas de *Meriones persicus* Blanford, 1875, um roedor da família Muridae conhecido por estocar plantas e sementes em seus esconderijos. Essas tocas, junto com a ausência do mesmo tratamento nos outros corpos, indica uma causa natural para o pólen encontrado.

Dia de los muertos - O festival do cravo-de-defunto

Das diversas tradições ao redor do mundo que honram aqueles que já se foram, a mais conhecida é o Dia de los muertos. Celebrada nos dias 1 e 2 de novembro, esta data tem origem na civilização asteca e, durante as comemorações, temos a onipresença da flor popularmente conhecida (no Brasil) como cravo-de-defunto (*Tagetes erecta*).

Considerada sagrada pelo povo asteca, as flores de *Tagetes* eram utilizadas em eventos de homenagem a deusa Mictecacihuatl (Figura 1), senhora dos mortos e responsável por guardar seus ossos, além de possuírem uso medicinal. Com o tempo, esses rituais se transformaram no Dia de los muertos, e o uso das flores se manteve. Segundo a tradição, durante esses dias os mortos voltam a caminhar sobre a terra, e são as cores e aromas intensos das *Tagetes* presentes nos altares montados por sua família (Figura 2) que os guiam até sua antiga residência, e de volta ao cemitério no fim das festividades.

Flores mais usadas e seus significados



Lírio (*Lilium*)

É a mais comum das plantas funerárias, representa o retorno da alma a um estado de pureza.



Gladiolo (*Gladiolus*)

Simbolizam a força de caráter, sinceridade e integridade do falecido.



Rosa (*Rosa*)

Flores mundialmente associadas ao amor, suas variedades de cores representam diversos sentimentos. Rosas brancas são símbolos de paz e inocência, rosas indicam apreço e gentileza, amarelas representam a força dos laços que existiam com a pessoa e pretas são um sinal de luto.



Crisântemo (*Chrysanthemum*)

Representam esperança. Seu significado varia de acordo com a região. Enquanto nas Américas são vistas como flores alegres e positivas, na Europa simbolizam a morte, sendo usadas apenas em funerais e túmulos e em países asiáticos são símbolos de lamentação e luto.



Tulipa (*Tulipa*)

Tulipas, principalmente as de coloração amarela, são símbolos de renovação, novos começos. Por isso, são usadas como presente para os familiares daquele que partiu.



Cravo (*Dianthus*)

Populares por serem flores duradouras e de forte aroma, representam admiração e lembranças compartilhadas.



Figura 1- Mictecacihuatl, deusa da morte asteca.



Figura 2- típico altar preparado durante as festividades do Dia de los muertos.



Buquês que salvam vidas: as flores como base de tratamentos médicos e culturais

Diego R. de Souza; Yasmim Santana Barros; Mariana Freire Campos & Brendo Araujo Gomes*

Departamento de Produtos Naturais e Alimentos, Faculdade de Farmácia, UFRJ

*brendoo.bc@gmail.com

Ainda que as flores sejam ignoradas ou vistas como meros objetos de adorno pessoal e decoração, apresentam indiscutíveis ações farmacológicas. A cura pelas flores vem sendo praticada desde os primórdios da humanidade, que, com bases estritamente empíricas, formaram a estrutura de usos populares muito difundidos que conhecemos até os dias atuais, tal como a utilização de *Viola tricolor* L. (Violaceae), popularmente conhecida como “amor perfeito” ou “erva da trindade”, a qual possui ação anti-inflamatória e cicatrizante. Gregos e Chineses faziam uso desta espécie em forma de coroa para combater enjoos, dores de cabeça e como calmante. Celtas e Romanos a utilizavam também como cosmético. Na Inglaterra originou diversas “poções de amor”, como a citada na grande obra de Shakespeare “Sonho de Uma Noite de Verão”. A efetividade das flores e seus compostos permeiam desde evidências já confirmadas até questões de crença e fé, onde tudo aquilo que a ciência ainda não consegue responder se torna alvo de significados místicos e sagrados. Tratando das usabilidades holísticas que o homem descobriu e desenvolveu a respeito das flores como fonte de cura energética e espiritual, existem exemplos que se destacam no contexto social por serem tão corriqueiros, como a Flor-de-lis, associada a integrantes do gênero *Iris* L. (Iridaceae) ou *Lilium* L. (Liliaceae); a Flor-de-lótus, associada à espécie *Nelumbo nucifera* (Gaertn.) (Nelumbonaceae) ou integrantes do gênero *Nymphaea* (Nymphaeaceae); e ainda a “Flor da Vida”, simbologia geométrica sagrada, associada a questões universalistas. Ainda em exemplos culturais, temos o uso de flores em banhos e como amuletos de proteção, costumes provindos de raízes indígenas e/ou de matrizes africanas, tais como o dirijo - *Cannabis sativa* L. e as flores específicas de cada orixá, utilizadas para banhos de abô, bebericagem, sacudimentos e defumadores. Alvos de muitas discussões, os “Florais de Bach”, assim como a Aromaterapia, são susceptíveis a muitas críticas de céticos, apesar de se poder encontrar estudos que relatam ensaios e resultados de certas atividades destes produtos, principalmente no tratamento de casos psicopatológicos e psicossomáticos. Na aromaterapia, pode-se citar como exemplo a *Lavandula* L. (Lamiaceae), que possui ação calmante, analgésica e sedativa. Quanto aos Florais de Bach, muitos possuem a rosa branca em sua composição (*Rosa × alba* L.) devido aos efeitos adstringentes, calmantes, laxativos, anti-inflamatórios e depurativos desta espécie. Em contraste, apesar de alguns bem populares, já instaurados no mercado, os estudos de pesquisa e desenvolvimento de novos fármacos (substâncias químicas bem conhecidas e definidas com potencial farmacológico) e fitoterápicos (medicamentos derivados de drogas vegetais desenvolvidas a partir de plantas medicinais) com base em estruturas florais de certas plantas ainda são bem desenvolvidos e aceitos. Como exemplos temos espécies bastante populares como *Pelargonium* L'Hér. (Geraniaceae), com ação adstringente, antisséptica e cicatrizante; *Hibiscus rosa-sinensis* L. (Malvaceae), com ação expectorante, calmante e analgésica; *Lavandula* L. (Lamiaceae), com ação antifúngica e bactericida. Por fim, de forma bastante inovadora, temos os nutracêuticos, produtos do novo ramo científico que se dispõe a investigar as propriedades químicas e farmacológicas de nossos alimentos, visto que diversas flores estão incluídas no cardápio do dia-a-dia, como *Brassica oleracea* L. (Brassicaceae), espécie que engloba os cultivares Botrytis, a couve-flor, e Itálica, o brócolis que além de fontes de diversas vitaminas e nutrientes auxiliam na prevenção de de câncer e no combate de afecções digestivas, cardiovasculares e renais.

Palavras-chave: Etnobotânica; Etnofarmácia; farmacognosia; terapia floral.



Buquês que salvam vidas: As flores como base de tratamentos Médicos e Culturais

Diego R. de Souza; Yasmin S. Barros; Mariana F. Campos & Brendo A. Gomes*
 Departamento de Produtos Naturais e Alimentos, Faculdade de Farmácia, CCS, UFRJ.
 *brendoo.bc@gmail.com



Ainda que as flores sejam ignoradas ou vistas como meros objetos de adorno pessoal e decoração, apresentam indiscutíveis ações farmacológicas. A cura pelas flores vem sendo praticada desde os primórdios da humanidade, que, com bases estritamente empíricas, formaram a estrutura de usos populares muito difundidos que conhecemos até os dias atuais.



Os estudos de pesquisa e desenvolvimento de novos fármacos (substâncias químicas bem conhecidas e definidas com potencial farmacológico) e fitoterápicos (medicamentos derivados de drogas vegetais desenvolvidas a partir de plantas medicinais) estão em constante desenvolvimento e vêm sendo cada vez mais aceitos



Como exemplos temos plantas bastante populares como *Pelargonium L'Her.* (*Geraniaceae*), com ação adstringente, antisséptica e cicatrizante; *Hibiscus rosa-sinensis L.* (*Malvaceae*), com ação expectorante, calmante e analgésica.



Viola tricolor L. (*Violaceae*), popularmente conhecida como "amor perfeito" ou "erva da trindade", a qual possui ação anti-inflamatória e expectorante. Acreditava-se que abria o caminho para o amor.



Flor de lis (*Sprekelia formosissima*), símbolo de poder, soberania, honra e lealdade, é considerada uma fonte de cura energética, espiritual e sentimental.



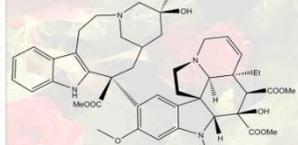
A lótus tem sido um símbolo de pureza espiritual desde antes do tempo de Buda, e floresce profusamente na arte e literatura budista. Quando florescida, indica iluminação.



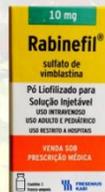
Acredita-se que o padrão geométrico da Flor da Vida, sagrado, esteja presente em tudo no universo, da criação até a vida.



Para os druidas, a *Cannabis sativa* não seria apenas uma forma de entrar em contato com o mundo dos espíritos, mas também uma forma de tratamento da alma.



Catharanthus roseus é uma planta muito conhecida pela acumulação nas suas folhas dos alcalóides anticancerígenos, a vinblastina e a vincristina. Vinblastina ou vinblastina é um alcalóide que inibe a polimerização das proteínas do fuso mitótico, parando a divisão celular na metáfase e vêm sendo utilizado em medicamentos contra linfomas e carcinomas



A aromaterapia é um tipo de prática de medicina alternativa que utiliza óleos essenciais aromáticos, para a melhoria do bem-estar físico, emocional e espiritual. Quando inalados ou aplicados à pele, podem controlar dor, melhorar qualidade do sono, reduzir estresse, auxiliar contra os sintomas de depressão, aliviar articulações doloridas.

Os efeitos da aromaterapia são teorizados como resultado da ligação de componentes químicos no óleo essencial a receptores no bulbo olfatório, afetando o centro emocional do cérebro, o sistema límbico.

A aplicação tópica de óleos aromáticos pode exercer efeitos antibacterianos, anti-inflamatórios e analgésicos. Estudos em animais mostram efeitos sedativos e estimulantes de óleos essenciais específicos, bem como efeitos positivos sobre o comportamento e o sistema imunológico. Ensaios clínicos em humanos investigaram a aromaterapia principalmente no tratamento de estresse e ansiedade em pacientes com doenças críticas, como o câncer e em outros pacientes hospitalizados.



Floras de Bach

Entre os anos 20 e 30, o Dr. Edward Bach queria uma abordagem mais holística da medicina. Ao longo dos anos, descobriu que, tratando a personalidade e os sentimentos, a infelicidade e tensão física podem aliviar naturalmente, à medida que o potencial curativo do corpo vai se desbloqueando e permitindo seu correto funcionamento.

São 38 floras e cada um deles corresponde a uma emoção.

Segundo ele, a origem das doenças é proveniente de 7 defeitos do homem: orgulho, crueldade, ódio, egoísmo, ignorância, instabilidade mental e cobiça/gula. Enquanto também são 7 os caminhos para o equilíbrio: paz, esperança, alegria, fé, certeza, sabedoria e amor.



"Tudo o que necessitamos fazer é entender o que está erado em nossa natureza e tomar a planta que lhe corresponde"



"Nossa saúde física depende do nosso modo de pensar, dos nossos sentimentos e emoções".



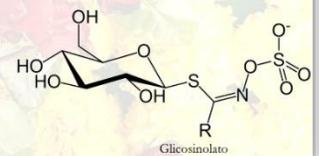
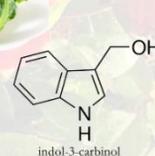
Nutracêuticos

Os alimentos funcionais e os nutraceuticos comumente têm sido considerados sinônimos, no entanto, os alimentos funcionais apresentam-se na forma de alimentos comuns, mas demonstram propriedades benéficas além das nutricionais básicas, produzindo benefícios específicos à saúde. Enquanto os nutraceuticos são alimentos ou parte dos alimentos que apresentam benefícios à saúde, incluindo a prevenção e/ou tratamento de doenças, eles podem abranger desde os nutrientes isolados, suplementos dietéticos até produtos projetados, produtos herbais e alimentos processados.

Os nutraceuticos são produtos do novo ramo científico que se dispõe a investigar as propriedades químicas e farmacológicas de nossos alimentos.

Diversas flores estão incluídas no cardápio do dia-a-dia, como a couve-flor e o brócolis. Estes, são alimentos sulfurados e nitrogenados, compostos orgânicos usados na proteção contra a carcinogênese e mutagênese, sendo ativadores de enzimas na detoxificação do fígado. Suas propriedades anticarcinogênicas são atribuídas ao conteúdo relativamente alto de glicosinolatos.

A presença de compostos indol, como o indol-3-carbinol, inibem a mutação do DNA, que predispe algumas formas de câncer.





Para não dizer que não falei da luta: flores como símbolo de resistência

Letícia Marinho^{1*}; Aíres Vanessa Cavalcante¹ & Marcello Spolidoro²

¹Departamento de Botânica, Instituto de Biociências, UNIRIO

²Colégio Pedro II - Unidade São Cristóvão

*lelecmm@gmail.com

As flores apresentam importante simbolismo em diversas sociedades, muitas vezes associado às suas propriedades medicinais, misticismo, folclore e etimologia. Apesar de a fragilidade ser uma característica associada às flores, devido a sua morfologia e tecidos geralmente delgados, por diversas vezes na história elas foram a representação de luta e resistência para diferentes povos. Em Lisboa, Portugal, no dia 25 de abril de 1974, os soldados estavam a postos, aguardando a liberação para rumarem até o Quartel do Carmo, onde se encontrava Marcello Caetano, o então presidente e seguidor do regime Salazarista. Antes de partirem, foram abordados por Celeste Caeiro, uma senhora de 80 anos, curiosa para saber do que se tratava a movimentação. Celeste foi, então, informada do que se tratava e em um breve diálogo, ofereceu ao soldado um cravo vermelho. O soldado, ao colocar a flor recebida em seu fuzil, fez um gesto inicialmente simples tornar-se o símbolo da revolução. Os cravos (*Dianthus caryophyllus* L. - Caryophyllaceae), floridas do fim da primavera ao início do outono, foram responsáveis por colorir este momento importante na luta contra o autoritarismo. Anos depois, na Europa Oriental, mais especificamente na Geórgia, outra flor daria nome a uma revolução. Eduard Shevardnadze, eleito de forma fraudulenta, estava no poder há mais de 30 anos, até que o resultado das eleições desencadeou uma onda de manifestações por todo o país. Tal manifesto demandou uma resposta por parte do presidente, que respondeu em tom de ameaça mandando os soldados para a cidade. Uma vez que o ato se dava de forma pacífica, os manifestantes resolveram usar algo que transmitisse essa mensagem ao povo: flores. As rosas foram, então, as intermediadoras, sendo entregues aos soldados, que, após esse ato, abaixaram suas armas. As rosas (*Rosa* L. - Rosaceae), podem representar a escolha dos soldados a prosseguir sem confronto armado a partir de seus acúleos: as projeções do caule podem ferir, mas não são espinhos verdadeiros. Na Tunísia, em 2011, o presidente Zine El Abidine Ben Ali, que se manteve no poder por mais de 20 anos, caiu após uma revolta popular iniciada contra as altas taxas de desemprego e corrupção que assolava o país. O estopim da revolta ocorreu devido ao ato desesperado de um vendedor ambulante que incendiou o próprio corpo em protesto por levarem sua mercadoria quando se negou a pagar propina para os fiscais da ditadura. A flor usada como símbolo dessa revolução foi o jasmim (*Jasminum* L. - Oleaceae). Essa flor de aroma forte apresenta nos tecidos de suas pétalas os osmóforos, responsáveis por produzir os óleos voláteis que conferem seu cheiro característico. No jasmim, quanto mais óleo é secretado, mais é produzido, podendo traçar um paralelo com a onda de manifestações que derrubaram o regime totalitário na Tunísia: aos poucos, a luta pela democracia se espalhou pelo mundo árabe, como o cheiro do jasmim. Por fim, um exemplo onde as flores também representaram renovações no cenário político ocorreu no Quirguistão, com a chamada revolução das tulipas, em 2005. O país era foco estratégico dos Estados Unidos e da Rússia e por isso vivia em uma zona conflitante de interesses. O povo, esgotado com a corrupção e pobreza no país, invadiu a sede do governo, derrubando o presidente Askar Akayev, no poder há mais de 15 anos. Contrastante com essa insatisfação da população está a representatividade da tulipa (*Tulipa* L. - Liliaceae). A flor, que durante o inverno fica dormente, para vir a florescer na primavera, foi usada como símbolo da prosperidade de uma população que, após um período turbulento, despertou. O simbolismo das flores como resistência política trouxe às revoluções uma imagem de inspiração, levando os manifestantes e soldados a usarem suas cores em detrimento da violência. A associação de algo inicialmente tomado como frágil a movimentos revolucionários pode não ser um pensamento usual, mas não há dúvidas: indo contra o provérbio, tudo são flores.

Palavras-chave: Botânica Cultural; florescer; história.



Para não dizer que não falei da luta: flores como símbolo de resistência



Letícia Marinho¹; Aíres Vanessa Cavalcante¹; Marcelo Spolidoro²

1 – Departamento de Botânica, Instituto de Biociências, UNIRIO; 2 – Colégio Pedro II - Unidade São Cristóvão
lelecm@gmail.com

A Revolução dos Cravos

A Revolução das Rosas



Portugal - 25/04/1974



Marcello Caetano -
Salazarismo

Celeste Caeiro

Soldados e cravos
vermelhos

Foto: pt.kisspng.com



Geórgia -2002

Eduard Shevardnadze

Eleições
fraudulentas

Onda de manifestações

Rosas entregues aos soldados



Foto: www.agenda.ge



Os **cravos**, da espécie *Dianthus caryophyllus* L., Família Caryophyllaceae, floridas do fim da primavera ao início do outono, foram responsáveis por colorir este momento importante na luta contra o autoritarismo.



Foto: www.giulianaflores.com.br



Foto: www.galleryyopriceville.com

Do gênero *Rosa* L., Família Rosaceae, as **rosas** podem representar a escolha dos soldados a prosseguir sem confronto armado a partir de seus acúleos: as projeções do caule podem ferir, mas não são espinhos verdadeiros.

A Revolução do Jasmim

A Revolução das Tulipas



Tunísia - 2011

Zine El Abdine Ben Ali

Estopim

Revolta contra desemprego e corrupção

Flor símbolo: **jasmim**, gênero *Jasminum* L., Família Oleaceae.



Foto: www.boladafoca.com.br

Essa flor de aroma forte tem em suas pétalas os osmóforos, que produzem os óleos voláteis que conferem seu cheiro característico. Nela, quanto mais óleo é secretado, mais é produzido, podendo traçar um paralelo com a onda de manifestações que derrubaram o regime totalitário na Tunísia: aos poucos, a luta pela democracia se espalhou pelo mundo árabe, como o cheiro do jasmim.



Foto: www.crocus.co.uk



Foto: www.rferl.org

Quirguistão - 2005



Foto: pt.kisspng.com

Conflito de interesses entre
Estados Unidos e Rússia

Pobreza e corrupção

Derrubada do presidente Askar Akayev pela população

A **tulipa**, do gênero *Tulipa* L., Família Liliaceae, que no inverno fica dormente, vindo a florescer na primavera, foi usada como símbolo de uma população que, após um período turbulento, despertou.



Foto: www.jardimdeflores.com.br

O simbolismo das flores como resistência trouxe às revoluções inspiração, levando os manifestantes e soldados a usarem suas cores em detrimento da violência. A associação de algo tomado como frágil a movimentos revolucionários pode não ser um pensamento usual mas não há dúvidas: indo contra o provérbio, **tudo são flores**.

"Ainda fazem da flor seu mais forte refrão, e acreditam nas flores vencendo o canhão..."

Para não dizer que não falei das flores – Geraldo Vandré



Sakura: a efemeridade da vida

Anna Beatriz Trigo Rodrigues Fagundes de Souza* & Raphael Muniz Monteiro

Instituto de Biociências, UNIRIO

*annabeatriz.rfs@gmail.com

A cultura japonesa é mundialmente conhecida pela alta valorização da natureza e dos eventos naturais. Um dos fenômenos contemplados é o passar das estações, que é sempre celebrado com grandes festas e eventos. Dentre eles está a abertura das flores da família Rosaceae do gênero *Prunus* L., conhecida popularmente no Japão como “sakura” e, no Brasil, como cerejeira. Ocorre nas terras japonesas do fim de março ao começo de maio e marcando o final do inverno e, caracterizado por ser um fenômeno muito belo e de curta duração, uma vez que as flores desabrocham e caem em menos de duas semanas, muitas pessoas praticam “hanami” (que significa “observação das flores”), viajando pelo Japão e acompanhando o evento em várias localidades. A “sakura” é a flor mais famosa e admirada no Japão, sendo marcada por ser rodeada de mitos e contos, sendo um desses sobre uma deusa que desceu dos céus e caiu em uma árvore. Agradecida pelo vegetal tê-la recebido, a deusa o purificou, dando aspectos brancos e rosados às suas flores. Essa deusa, além de ser conhecida como a Deusa do Monte Fuji, também era conhecida como Konohana Sakuya Hime, que significa “a princesa das árvores de flores abertas” e pode ser atribuído a ela a origem da palavra “sakura”. Essa flor também está muito presente ao redor do Monte Fuji, local associado ao nome da princesa. Ainda dotada dessa vegetação rica de “sakuras”, está localizado o “Bosque dos Suicídios”, local conhecido mundialmente por ser mal-assombrado. Apesar disso, a floração das cerejeiras por centenas de anos foi admirada e contemplada por demonstrar, além da beleza, a fragilidade e efemeridade da vida. Ao contrário da maioria das plantas, uma das suas características marcantes é a queda súbita de suas flores, um pouco depois da floração, não passando pelo processo de degradação. Por essa característica, ela virou um dos símbolos do “bushido” (código de conduta samurai) que em sua ideologia associa a “sakura” como uma flor pura que simboliza a efemeridade da vida, compartilhando o ideal de um samurai que é educado não somente a se manter puro de corpo e alma, a fim de estar preparado para qualquer eventualidade a qual venha a pedir sua “katana”, mas também a aceitar a morte repentina e plena, sempre almejando que sua morte não seja em idade avançada. Além dessas influências, as cerejeiras podem caracterizar não somente a beleza ou a pureza na cultura nipônica, mas também sua face perigosa e sangrenta, uma vez que é uma das tatuagens mais simbólica entre os Yakuza (máfia japonesa), retratando a origem do grupo e reiterando o significado dessa flor na própria cultura japonesa. Sendo assim a importância dessa flor para a cultura nipônica, tornou um símbolo de beleza, pureza, morte, mas acima de tudo, plenitude.

Palavras-chave: cerejeira; cultura japonesa; flor; *Prunus*; samurais.



Sakura: a efemeridade da vida

Anna Beatriz Trigo Rodrigues Fagundes de Souza¹, Raphael Muniz Monteiro¹

1: Discente do Curso de Bacharelado em Ciências Biológicas

Contatos: annabeatriz.rf@gmail.com e raphael.muniz.monteiro@gmail.com



A Sakura

A cultura japonesa é mundialmente conhecida pela **alta valorização da natureza** e dos eventos naturais. Um dos fenômenos contemplados é o passar das estações, que é sempre celebrado com grandes festas e eventos. **Dentre eles está a abertura das flores da família Rosaceae do gênero Prunus, conhecida popularmente no Japão como "sakura" e, no Brasil, como cerejeira.** Ocorre nas terras japonesas do fim de março ao começo de maio e marcando o final do inverno e, caracterizado por ser um **fenômeno muito belo e de curta duração, uma vez que as flores desabrocham e caem em menos de duas semanas**, muitas pessoas praticam "hanami" (que significa "observação das flores"), viajando pelo Japão e acompanhando o evento em várias localidades.

Konohana Sakuya Hime

A flor mais famosa e admirada no Japão é rodeada de diversos mitos e contos. Um desses contos é sobre uma deusa que desceu dos céus e caiu em uma árvore. Agradecida pelo vegetal tê-la recebido, a deusa o purificou, dando aspectos brancos e rosados as suas flores.

Essa deusa era conhecida como Konohana Sakuya Hime, que significa "A Princesa das Árvores de Flores Abertas" e pode ser atribuído à ela a origem da palavra "sakura". Konohana é a deusa do Monte Fuji, conhecido por ter muitas cerejeiras e de ter uma extrema beleza além de ser um dos maiores pontos turísticos do Japão.

Além disso, existe uma floresta situada na base noroeste desse monte, chamada de "Aokigahara" (Mar de Árvores). Conhecido e temido por ser extremamente silencioso e também por ser um dos lugares onde mais acontecem suicídios no Japão, a floresta também é chamada como "floresta dos suicídios" e, por conta disso, há quem acredite ser um dos lugares mais assombrados do mundo.



Figura 1 e 2 Ilustração da Princesa Konohana e mapa do Monte Fuji, respectivamente. Disponíveis em: <<https://www.santuariounar.com.br/en/goddess-konohana-sakuya/>> e <<https://www.env.go.jp/en/nature/nps/park/fujihakone/guide/view.html>>. Acessado em: 22/11/2018.



Figura 3 e 4: ilustrações de samurais interagindo com sakuras. Disponível em <http://japancultpopbr.blogspot.com/2012/04/sakura-lenda.html>

Os Samurais

Segundo o Código de Conduta Samurai, a vida de um guerreiro é efêmera e devido a isso um samurai tinha que ter a noção que seu tempo era valioso para desperdiçar com coisas fúteis. Eles deveriam ser educados para se manterem sempre puros de corpo e alma, cumprindo seu dever, de forma fiel às ordens do seu "shogun". Aceitar a morte sem demonstrar fraqueza, era um dos princípios da honra de um guerreiro. Um samurai nunca almejava chegar em uma idade avançada, mas sim cumprir com seu dever.

"A primeira preocupação de quem pretende se tornar um guerreiro é ter a morte sempre presente no seu espírito, dia e noite, desde a manhã do primeiro dia do ano até a noite do ano novo."

Código de Honra Samurai, Taira Shigésuké

As flores de sakura, ao contrário da maioria dos seres vivos, apresenta a morte súbita de suas flores, um pouco depois da floração, não passando pelo processo de degradação. Por essa característica, ela virou um dos símbolos do "bushido" (código de conduta samurai) que em sua ideologia associada à "sakura", como uma flor pura que simboliza a efemeridade da vida, compartilhando o ideal de um samurai.

Os Yakuzas

Durante o século VI, os chineses utilizavam a tatuagem como meio de punição aos criminosos. Nessa época, esta cultura influenciou imensamente o governo japonês que, com o mesmo repúdio aos tatuados, começou a copiar esse método para marcar os criminosos e intocáveis.

Apesar de sempre terem utilizado elementos da natureza em suas tatuagens, foi somente no século XIX, com o uso do jogo "hanafuda", que a flor de cerejeira começou a ser inspiração para essas artes. Apesar de ser composto por cartas, os gâsters japoneses visualizaram um potencial jogo de azar no baralho. Para garantirem a proteção, agricultores e comerciantes foram obrigados a empreenderem o jogo em locais dados pelos membros da própria máfia, que extraíam propina dos jogadores.

Foi, então, esse o começo do uso das cerejeiras para desenhos corporais da máfia. Além disso, o significado dado pelos samurais também se adequa ao motivo dos Yakuzas tatuarem tanto essa flor: a prontidão dos guerreiros para morte e sua incontestável beleza.



Figura 5 e 6: Naipes de flores de cerejeira do hanafuda e tatuagens de um membro da máfia. 2012. Disponível em: <http://www.academia.edu/download/35002535/a_imagem_da_mafia.pdf>. Acessado em: 22/11/2018.

Referências

Saldanha, Cleto. Sakura: Vida e Morte para o Samurai. Nova Acrópole, 2018. Disponível em: <https://nova-acropole.pt/a_sakura_vida_morte_samurai.html>. Acesso em: 22 de novembro de 2018.

Isa, Konohana Sakuya Hime: A Deusa do Monte Fuji. Japão: Caçadores de Lendas, 2018. Disponível em: <<http://www.caçadoresdelendas.com.br/japao/konohana-sakuya-hime-deusa-do-monte-fuji/>>. Acesso em: 22 de novembro de 2018.

Hanami Festival - Contemplar as flores de cerejeira. Japão em Foco, 2018. Disponível em: <<https://www.japaoemfoco.com/hanami-festival-comtemplar-as-flores-de-cerejeira/>>. Acesso em: 22 de novembro de 2018.

Conheça a macabra Aokigahara, a famosa floresta da morte do Japão. History, 2018. Disponível em: <<https://seuhistory.com/noticias/conheca-macabra-aokigahara-famosa-floresta-da-morte-do-japao-video>>. Acesso em: 22 de novembro de 2018.



Mimosa amarela: um símbolo de resistência feminina

Yasmim Santana Barros¹; Mariana Freire Campos^{1*}; Brendo Araujo Gomes¹ & Raíssa Vieira Corrêa²

¹Departamento de Produtos Naturais e Alimentos, Faculdade de Farmácia, UFRJ

²Departamento de Ecologia e Recursos Marinhos, Instituto de Biociências, UNIRIO

*ccamposmariana@gmail.com

As tradições são moldadas de acordo com o contexto social e o hábito de dar flores de presente no Dia Internacional da Mulher é comum ao redor do mundo. É sabido da existência de duas histórias para se justificar o ato de presentear mulheres com mimosas amarelas, *Acacia podalyriifolia* A. Cunn. ex G. Don (Fabaceae). A primeira história conta que uma árvore de mimosas amarelas teria crescido próxima à fábrica queimada em 8 de março de 1908, matando 129 mulheres naquele incêndio em Nova Iorque. A segunda história conta que a União das Mulheres Italianas, com três importantes figuras do ativismo feminino, Teresa Mattei, Rita Montagna e Teresa Noce, buscava uma flor para comemorar o primeiro Dia Internacional da Mulher após a Segunda Guerra Mundial. As ativistas então gostariam de propor um novo símbolo para o dia. Desta forma, surge a possibilidade da mimosa amarela, uma flor que floresce ao final do inverno e início da primavera no Hemisfério Norte, coincidindo com a data comemorativa. O hábito de presentear mulheres nesse dia especial já era bem comum até mesmo naquela época, como por exemplo, na França, onde as mulheres eram homenageadas com representantes das famílias Violaceae (violetas), Orchidaceae (orquídeas) e Liliaceae (lírios), variedades consideradas caras por Mattei. As três ativistas, porém, buscavam uma alternativa mais acessível, flores populares e facilmente encontradas no campo. Buscando fundamentar sua ideia, Mattei criou uma suposta lenda chinesa que tratava de uma princesa e suas mimosas, na qual as flores eram símbolo do calor familiar e da gentileza feminina. Mattei, Montagna e Noce tornaram essas belas flores parte da tradição italiana e em todo dia 8 de março são vendidos milhões de maços de mimosa na Itália até os dias atuais demonstrando que os esforços não foram em vão. A mimosa amarela ficou também conhecida como símbolo de força das mulheres, justamente pela história de vida daquelas que a propuseram como presente para o 8 de março na Itália.

Palavras-chave: *Acacia podalyriifolia*; Dia Internacional da Mulher; feminismo.



UFRJ

Mimosa amarela: um símbolo de resistência feminina

Yasmim Santana Barros¹, Mariana Freire Campos^{1*}, Brendo Araujo Gomes¹, Raíssa Vieira Corrêa²

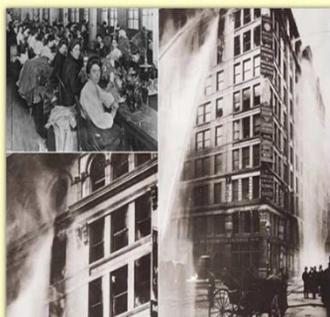
¹Laboratório de Fitoquímica e Farmacognosia, Dpto. Produtos Naturais e Alimentos, Faculdade de Farmácia, UFRJ

²Laboratório de Ecologia Bêntica, Dpto. Ecologia e Recursos Marinhos, Instituto de Biociências, UNIRIO

*Contato: ccamposmariana@gmail.com



A mimosa amarela, *Acacia podalyriifolia* A. Cunn. ex G. Don (Fabaceae), está associada à chegada da primavera e também como um símbolo oficial da “Festa della donna” ou do “Dia Internacional da Mulher” na Itália.



Uma árvore de mimosas amarelas teria crescido próxima à fábrica queimada em 8 de março de 1908, matando 129 mulheres naquele incêndio em Nova Iorque.



Teresa Mattei



Rita Montagna



Teresa Noce



Membros da UDI (*Unione Donne in Italia*, União das Mulheres Italianas), Teresa Mattei, juntamente de Rita Montagna e Teresa Noce, propuseram a mimosa amarela para comemorar o primeiro Dia Internacional da Mulher após a Segunda Guerra Mundial: **tornando-se uma expressão da solidariedade feminina.**



Regimes aristocráticos combinam com elementos refinados e nobres, enquanto revoluções incluem elementos mais populares, acessíveis e igualmente lindos. Além do peso e significado histórico que esta planta possui, ainda nos elucidam o modo como uma linda flor do campo pode se tornar uma das maiores tradições de um país.





Vitória-régia, fruto de uma história de amor: grande flor do entardecer

Anna Carolina S. Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro; Museu da Vida - FIOCRUZ
annacarolinassantos1008@gmail.com

Na mitologia tupi-guarani, o deus “Tupã” é o grande criador dos céus, da terra, dos mares, assim como de todos os vegetais e animais. Para o auxiliar criou seus filhos, entre eles a “Rainha da Noite”, que levaria suavidade e temor ao homem. Essa era “Jaci”, deusa da lua, dos amantes e da reprodução, irresistível até mesmo para seu irmão “Guaraci”, deus do sol. No encontro desses dois amantes, “Guaraci” queimava de amor e “Jaci” chorava de tanta paixão, o que poderia levar um grande perigo para Terra, assim nunca mais puderam se encontrar. “Jaci”, inconsolada, chorou todas as noites sobre a Floresta Amazônica, suas lágrimas criaram poças que formaram o grande Rio Amazonas. Para suprir sua solidão, “Jaci” às vezes descia na Terra como homem para buscar uma bela virgem e transformá-la em uma estrela para lhe fazer companhia nos céus. “Naiá”, uma índia encantadora, enquanto crescia sonhava cada vez mais em conhecer “Jaci” e se transformar em uma estrela, até que se apaixonou pela deusa. Todas as noites a índia observava a lua até o sol nascer; em uma das noites, em suas caminhadas, “Naiá” encontrou “Jaci” em um lago de água claras e pensou que finalmente a deusa veio ao seu encontro. Dominada por amor e felicidade, “Naiá” correu para a lua, porém era apenas o reflexo da grande “Jaci” no lago. A índia mergulhou nas águas profundas e acabou se afogando devido a sua grande tristeza ao saber que “Jaci” não estava lá. A deusa “Jaci”, comovida pelo sacrifício de “Naiá”, transformou-a em uma estrela especial que ficaria nas águas junto ao seu reflexo, contemplando o luar, e assim criou a vitória-régia [*Victoria amazonica* (Poepp.) J.C. Sowerby - Nymphaeales: Nymphaeaceae]. É uma planta aquática, presente originalmente na Bacia do Rio Amazonas, ocorrendo no Pantanal e na Bacia do Paraguai. Essa planta perene fica fixada no fundo de lagos, suas folhas flutuam na água e se assemelham a discos circulares, podendo atingir até 2 metros de diâmetro. Apesar de serem pesadas e espessas, as folhas não afundam por apresentarem bordas altas e suas nervuras são cheias de gases. A vitória-régia é uma das primeiras angiospermas a evoluírem, com sua magnífica e enorme flor solitária, floresce entre março e dezembro, sua floração ocorre ao entardecer e se fecham após 48 horas. Apresentam grande tamanho e cores específicas, além de liberarem odores para a atração de polinizadores. Composta por até cem pétalas, podem chegar a 30 centímetros de diâmetro e apresentam cores variadas do branco ao lilás e rosa. Após sua morte, a flor submerge para o desenvolvimento do fruto, que amadurece e emerge para a superfície, assim as sementes penetram no lodo ou são dispersas pela água. Além de todo seu envolvimento com a cultura indígena, possuem importância também ecológica (formando microhabitats e sendo alimento para outros organismos), medicinal e alimentícia, devido às suas sementes, pecíolo e rizoma serem comestíveis e com grande valor nutricional. Acredita-se que essa lenda pode ser um grande atrativo para divulgação do conhecimento botânico sobre um grande símbolo da nossa biodiversidade, além de promover a mitologia indígena e sua riqueza cultural.

Palavras-chave: indígena; lenda; mitologia tupi-guarani; Rio Amazonas.



Vitória-régia, fruto de uma história de amor: grande flor do entardecer.



Anna Carolina S. Silva
Universidade Federal do Rio de Janeiro; Museu da Vida - FIOCRUZ



Mitologia tupi-guarani:

“Jací” deusa da lua, as vezes descia na Terra como homem para buscar uma bela virgem e transformá-la em uma estrela para lhe fazer companhia nos céus, suprimdo assim sua solidão. “Naiá” uma bela índia, cresceu a espera da deusa e acabou se apaixonando ao contemplá-la nos céus. Em uma das noites a índia se deparou com a deusa e correu em sua direção entrando em um lago com águas profundas, ao perceber que não era “Jací”, “Naiá” acabou se afogando de tanta tristeza. A deusa comovida, a transformou em uma estrela especial que ficaria nas águas junto ao seu reflexo, contemplando o luar, e assim criou a vitória-régia.



Victoria amazonica:

Uma das primeiras plantas a produzir flores, símbolo evolutivo e da riqueza da Bacia Amazônica. Pertencente da família Nymphaeaceae é a maior flor aquática, sua folha pode chegar a 2 metros de diâmetro e sustentar até 45kg.

Apresenta grande importância a medicinal, cultural, alimentícia e ecológica.



Grande flor:

Linda flor composta por até cem pétalas, podem chegar a 30 centímetros de diâmetro. Floresce ao entardecer, atraindo polinizadores com sua cor e odor. Após 48hrs se fecha e submerge até seu fruto amadurecer e emerge para a superfície, assim as sementes penetram no lodo ou são dispersas pela água.





A simbologia da rosa (Rosaceae) no poema “A Rosa de Hiroshima” e no livro “Não se Esqueça da Rosa”

Diego Paschoa Trindade

Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências, UNIRIO
dpaschoa@hotmail.com

A rosa (*Rosa* sp.), pertencente às plantas da família Rosaceae, é uma das flores mais cultivadas pela humanidade desde a antiguidade. Rosaceae (ordem Rosales) é uma família de espécies florais que tem distribuição cosmopolita, utilizada para o paisagismo, gastronomia e surpreende pelo seu aroma único. As rosas sempre têm uma conotação positiva, como exemplo de beleza, delicadeza e requinte, mas, em contrapartida, a imagem da rosa também pode ser usada como simbologia negativa. Em 1954, o cantor, compositor e poeta Vinícius de Moraes escreveu um poema intitulado “A Rosa de Hiroshima” em protesto sobre os bombardeios atômicos na cidade de Hiroshima, no Japão, durante a Segunda Guerra Mundial. Anos depois, em 1973, o poema foi adaptado a uma canção gravada pela banda “Secos e Molhados”, se tornando um grande sucesso nas rádios na época. O conteúdo do poema-canção é um grande protesto às consequências do desastre que as bombas atômicas fizeram em Hiroshima e Nagasaki, cidade vizinha, comparando a explosão da bomba a uma rosa de modo genérico pelo formato da nuvem de cogumelo que se forma na detonação da bomba, lembrando uma rosa desabrochando. Porém, também faz uma alusão às terríveis consequências deixadas pela detonação da bomba. Em alguns trechos do poema é possível perceber que a figura da rosa também simboliza o formato das feridas causadas na pele das pessoas pelo bombardeio e até mesmo compara as pessoas a rosas, como “rosa com cirrose”, “sem cor e sem perfume”. Já no ano de 1985, a autora Giselda Laporta Nicolelis, escreveu o livro intitulado “Não se Esqueçam da Rosa”, em razão da grande ameaça do desenvolvimento mundial de novas tecnologias armamentistas e a possibilidade de novas guerras nucleares. Ela escreve sobre uma família, radicada em São Paulo, em que o pai viveu em Hiroshima quando criança e relembra como sofreu todos os horrores do bombardeio e descobre como sua exposição à radiação trouxe várias consequências, inclusive uma mutação genética que levaria gradualmente à morte sua filha mais velha, Hanako, filha da flor, em japonês. Tudo isso para lembrar as consequências de uma guerra nuclear e mostrar o quanto isso pode afetar as pessoas por gerações, com danos irremediáveis, comparando o desabrochar do botão de rosa à vida de sua filha e também à evolução da doença, fazendo uma referência direta à bomba atômica e a rosa que se forma ao ser detonada. Uma maneira de conscientização e uso da memória da guerra para evitar que a história se repita novamente, não se esquecendo da filha da rosa, para que o que houve em Hiroshima não se repita jamais.

Palavras-chave: bomba nuclear; poesia; simbologia.



A SIMBOLOGIA DA ROSA (ROSACEAE) NO POEMA “A ROSA DE HIROSHIMA” E NO LIVRO “NÃO SE ESQUEÇA DA ROSA”



Diego Paschoa Trindade^{1,2}

1 Departamento de Zoologia, UNIRIO; 2 contato: dpaschoa@hotmail.com

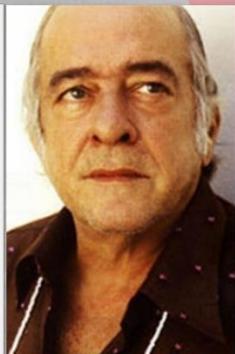
A ROSA

A rosa (*Rosa* sp.), pertencente às plantas da família Rosaceae, é uma das flores mais cultivadas pela humanidade desde a antiguidade. Rosaceae (ordem Rosales) é uma família de espécies florais que tem distribuição cosmopolita, utilizada para o paisagismo, gastronomia e surpreende pelo seu aroma único. As rosas sempre têm uma conotação positiva, como exemplo de beleza, delicadeza e requinte, mas, em contrapartida, a imagem da rosa também pode ser usada como simbologia negativa.



Rosa vermelha, gênero *Rosa*.

*“Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroxima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A antirrota atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada.”*



Poema “A Rosa de Hiroshima” e seu autor, Vinícius de Moraes.

O POEMA E A CANÇÃO

Em 1954, o cantor, compositor e poeta Vinícius de Moraes escreveu um poema intitulado “A Rosa de Hiroshima” em protesto sobre os bombardeios atômicos na cidade de Hiroshima, no Japão, durante a Segunda Guerra Mundial. Anos depois, em 1973, o poema foi adaptado a uma canção gravada pela banda “Secos e Molhados”, se tornando um grande sucesso nas rádios na época. O conteúdo do poema-canção é um grande protesto às consequências do desastre que as bombas atômicas fizeram em Hiroshima e Nagasaki, cidade vizinha, comparando a explosão da bomba a uma rosa de modo genérico pelo formato da nuvem de cogumelo que se forma na detonação da bomba, lembrando uma rosa desabrochando. Porém, também faz uma alusão às terríveis consequências deixadas pela detonação da bomba. Em alguns trechos do poema é possível perceber que a figura da rosa também simboliza o formato das feridas causadas na pele das pessoas pelo bombardeio e até mesmo compara as pessoas a rosas, como “rosa com cirrose”, “sem cor e sem perfume”.



Banda Secos & Molhados, intérprete da canção originada do poema.

O LIVRO

Já no ano de 1985, a autora Giselda Laporta Nicoletis, escreveu o livro intitulado “Não se Esqueçam da Rosa”, em razão da grande ameaça do desenvolvimento mundial de novas tecnologias armamentistas e a possibilidade de novas guerras nucleares. Ela escreve sobre uma família, radicada em São Paulo, em que o pai viveu em Hiroshima quando criança e relembra como sofreu todos os horrores do bombardeio e descobre como sua exposição à radiação trouxe várias consequências, inclusive uma mutação genética que levaria gradualmente à morte sua filha mais velha, Hanako, filha da flor, em japonês. Tudo isso para lembrar as consequências de uma guerra nuclear e mostrar o quanto isso pode afetar as pessoas por gerações, com danos irremediáveis, comparando o desabrochar do botão de rosa à vida de sua filha e também à evolução da doença, fazendo uma referência direta à bomba atômica e a rosa que se forma ao ser detonada. Uma maneira de conscientização e uso da memória da guerra para evitar que a história se repita novamente, não se esquecendo da filha da rosa, para que o que houve em Hiroshima não se repita jamais.



Livro “Não se esqueçam da Rosa”, de Giselda Laporta Nicoletis.

REFERÊNCIAS

Nicoletis, Giselda L. Não se esqueçam da rosa: Bara o wasurenaide. 8ª edição. Rio de Janeiro: Memórias Futuras Edições, 1985.
SECOS & MOLHADOS. A rosa de Hiroshima. [1973]. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=DwVcOG3IKU4>> . Acesso em 22 out. 2018.



Simbolismo e representação das flores em pinturas Pré-Rafaelitas

Yasmin de Góes Cohn Freitas

Departamento de Botânica, Instituto de Biociências, UNIRIO
yasmingcfreitas@gmail.com

A irmandade Pré-Rafaelita foi fundada por sete artistas, no ano de 1848, em Londres. Entre pintores e escritores, se destacavam os artistas William Holman Hunt, John Everett Millais e Dante Gabriel Rossetti. O movimento criticou a Academia Real Inglesa por ser repetitiva, e rompeu com a fórmula adotada pelos seguidores de Rafael, pintor renascentista italiano, de uma estética idealizada. Assim, acreditava poder transmitir, com originalidade, a verdade e beleza ao seu redor. Foram abordados temas religiosos, moralistas, míticos e poéticos. Em grande parte de suas obras, a natureza ocupa um papel de destaque. A obra *Lady Lilith*, de Rossetti, é acompanhada do soneto *Body's Beauty*, do mesmo autor, onde a personagem é descrita como uma sedutora perigosa. Lilith, que segundo lendas judaico-babilônicas teria sido a primeira esposa de Adão, o deixou ao não aceitar ser submissa a ele. As rosas brancas (*Rosa alba* L.) (Rosaceae), simbolizam o amor sensual, uma associação direta à característica sedutora da personagem. A papoula vermelha (*Papaver rhoeas* L.) (Papaveraceae), que representa o sono e esquecimento, se relaciona à condição descrita no soneto, na qual Lilith permanece jovem enquanto observa o mundo envelhecer, à parte do mesmo. A dedaleira (*Digitalis purpurea* L.) (Scrophulariaceae), representa a falsidade, que pode relacionar-se a algumas versões da lenda em que ela se transforma na serpente que corrompe Eva e Adão. Em *Ecce Ancilla Domini!*, traduzido para *The Annunciation*, de Rossetti, a Virgem Maria se encontra em seu quarto quando recebe a visita do anjo Gabriel, que anuncia que ela dará luz a Jesus. O anjo segura um ramo de lírios brancos (*Lilium candidum* L.) (Liliaceae), apontando-o para o ventre de Maria, e o oferece a ela, simbolizando a castidade e pureza. Analogamente, ao lado de sua cama, está pendurado um tecido bordado com lírios brancos, o que reforça o simbolismo trazido pela flor, dessa vez da parte de Maria, que teria escolhido buscar uma vida livre de pecados ao bordá-los. *Ophelia*, de Millais, mostra a personagem da peça *Hamlet*, de Shakespeare, momentos antes de afundar e se afogar no rio. Após uma série de infortúnios, Hamlet acaba por matar o pai de Ofélia. Ao mesmo tempo, se vê afastada do irmão e negada por Hamlet, que antes nutria sentimentos românticos por ela. Formando um colar em volta de seu pescoço, violetas (*Viola odorata* L.) (Violaceae), simbolizam a descrença, assim como as margaridas (*Bellis perennis* L.) (Asteraceae). Ambas as flores foram oferecidas por Ofélia ao tio e mãe de Hamlet, indicando seu sentimento em relação a eles. A papoula vermelha, simbolizando sua morte. Amores-perfeitos (*Viola tricolor* var. *hortensis* L.) (Violaceae), flutuando próximo ao seu vestido simbolizam amor em vão e pensamento, sendo o segundo significado citado pela personagem durante a peça, quando oferecia a flor ao seu irmão, e possivelmente referente a memória de seu pai. Não-me-esqueças (*Myosotis scorpioides* L.) (Boraginaceae), crescem próximas ao rio, trazendo o significado em seu nome. A fritilária (*Fritillaria meleagris* L.) (Liliaceae), flutuando no canto direito, tristeza. Os integrantes da irmandade pré-rafaelita buscaram pintar com fidedigno realismo às formas naturais, de modo que, durante a confecção de pinturas, foram feitas excursões até os locais a serem reproduzidos. Assim, em uma época em que artistas desenhavam esboços do cenário natural e os levavam para confeccionar a pintura no estúdio, Pré-Rafaelitas, como Millais, pintavam a natureza inseridos em meio a ela, a céu aberto. Também se mostraram atentos a pintar quadros com simbolismo e significado para sua época.

Palavras-chave: arte moderna; arte vitoriana; Millais; Rossetti.



Simbolismo e representação das flores em pinturas Pré-Rafaelitas

Symbolism and flower representation at Pre-Raphaelite paintings

Yasmin de Góes Cohn Freitas

Departamento de Botânica, Instituto de Biociências, UNIRIO
yasmingcfreitas@gmail.com

A irmandade Pré-Rafaelita foi fundada por sete artistas, no ano de 1848, em Londres. Entre pintores e escritores, se destacavam os artistas William Holman Hunt, John Everett Millais e Dante Gabriel Rossetti.

O movimento criticou a Academia Real Inglesa por ser repetitiva, e rompeu com a fórmula de uma estética idealizada adotada pelos seguidores de Rafael, pintor renascentista italiano. Assim, acreditava poder transmitir, com originalidade, a verdade e beleza ao seu redor. Em grande parte de suas obras, a natureza ocupa um papel de destaque, tomando parte em temas religiosos, moralistas, míticos e poéticos.

A obra *Lady Lilith*, de Rossetti (Fig. 1), é acompanhada do soneto *Body's Beauty*, do mesmo autor, onde a personagem é descrita como uma sedutora perigosa. Lilith, que segundo lendas judaico-babilônicas teria sido a primeira esposa de Adão, o deixou ao não aceitar ser submissa a ele. As rosas brancas (*Rosa alba* L.) (Rosaceae), simbolizam o amor sensual, uma associação direta à característica sedutora da personagem. A papoula (*Papaver rhoeas* L.) (Papaveraceae), que representa o sono e esquecimento, se relaciona à condição descrita no soneto, na qual Lilith permanece jovem enquanto observa o mundo envelhecer, à parte do mesmo. A dedaleira (*Digitalis purpurea* L.) (Scrophulariaceae), representa a falsidade, que pode relacionar-se a algumas versões da lenda em que ela se transforma na serpente que corrompe Eva e Adão.



Fig. 1. Rossetti, Dante Gabriel. *Lady Lilith* (1867) Watercolour on paper, 51.3 x 44 cm, Metropolitan Museum of Art, New York

Em *Ecce Ancilla Domini!* (Fig. 2) traduzido para *The Annunciation*, de Rossetti, a Virgem Maria se encontra em seu quarto quando recebe a visita do anjo Gabriel, que anuncia que ela dará luz a Jesus. O anjo segura um ramo de lírios brancos (*Lilium candidum* L.) (Liliaceae), apontando-o para o ventre de Maria, e o oferece a ela, simbolizando a castidade e pureza. Analogamente, ao lado de sua cama, está pendurado um tecido bordado com lírios brancos, o que reforça o simbolismo trazido pela flor, dessa vez da parte de Maria, que teria escolhido buscar uma vida livre de pecados ao bordá-los.



Fig. 2. Rossetti, Dante Gabriel. *Ecce Ancilla Domini!* (1849-50) Oil on canvas on panel, 72.4 x 41.9 cm, Tate, London



Fig. 3. Millais, John Everett. *Ophelia* (c.1852). Oil on canvas 76 x 102 cm, The Tate Gallery, London.

Ophelia, de Millais (Fig. 3), mostra a personagem da peça *Hamlet*, de Shakespeare, momentos antes de afundar e se afogar no rio. Após uma série de infortúnios, Hamlet acaba por matar o pai de Ofélia. Ao mesmo tempo, se vê afastada do irmão e negada por Hamlet, que antes nutria sentimentos românticos por ela.

Formando um colar em volta de seu pescoço, violetas (*Viola odorata* L.) (Violaceae), simbolizam a descrença, assim como as margaridas (*Bellis perennis* L.) (Asteraceae). Ambas as flores foram oferecidas por Ofélia ao tio e mãe de Hamlet, indicando seu sentimento em relação a eles. A papoula vermelha (*Papaver rhoeas* L.) (Papaveraceae), simbolizando sua morte. Amores-perfeitos (*Viola tricolor* var. *hortensis* L.) flutuando próximo ao seu vestido simbolizam amor em vão e pensamento, sendo o segundo significado citado pela personagem durante a peça, quando oferecia a flor ao seu irmão, e possivelmente referente a memória de seu pai. Não-me-esqueças (*Myosotis scorpioides* L.) (Boraginaceae), crescem próximas ao rio, trazendo o significado em seu nome. A fritilária (*Fritillaria meleagris* L.) (Liliaceae), flutuando no canto direito, tristeza.

Os integrantes da irmandade pré-rafaelita buscaram pintar com fidedigno realismo às formas naturais, de modo que, durante a confecção de pinturas, foram feitas excursões até os locais a serem reproduzidos. Assim, em uma época em que artistas desenhavam esboços do cenário natural e os levavam para confeccionar a pintura no estúdio, Pré-rafaelitas, como Millais, pintavam a natureza inseridos em meio a ela, a céu aberto. Também se mostraram atentos a pintar quadros com simbolismo e significado para sua época.



Flores com nome de bicho, bichos com nome de flor

Elidiomar Ribeiro Da-Silva

Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências, UNIRIO
elidiomar@gmail.com

O nome comum de uma entidade biológica indica qualquer ser pertencente a uma unidade taxonômica ou prática. Opõe-se ao nome científico ou taxonômico, que designa, dentro de regras definidas, um determinado ser. As Ciências Biológicas têm seus princípios consolidados a partir dos nomes – ou epítetos – científicos. Por outro lado, são os nomes comuns que podem estabelecer uma ponte ligando os saberes científico e popular. Enquanto a nomenclatura científica é fixa, os nomes comuns variam entre os idiomas e regiões. Dentro das possibilidades que essa associação oferece, foram inventariados nomes comuns de plantas com alguma alusão a nomes de animais, bem como o inverso. As fontes para a presente pesquisa foram a memória prévia, bibliografia e buscas no Google. Estabeleceu-se o limite de 25 nomes de plantas e outro tanto de animais. Os nomes comuns de flores com alusão a animais estão listados a seguir. Asparagales: Amaryllidaceae - rabo-de-galo, *Worsleya rayneri* (J.D. Hooker); Iridaceae - flor-leopardo, *Belamcanda chinensis* L.; Orchidaceae - erva-abelha, *Ophrys apifera* Huds.; flor-pombo-do-oriental, *Habenaria* sp.; orquídea-macaco, *Dracula* sp.; orquídea-pato, *Caleana* sp.; orquídea-polvo, *Prosthechea cochleata* (L.) W.E. Higgins; orquídea-pomba, *Peristeria* sp.; orquídea-tigre, *Grammatophyllum speciosum* Blume. Asterales: Asteraceae - dente-de-leão, *Taraxacum* sp. Caryophyllales; Amaranthaceae - crista-de-galo, *Celosia cristata* L. Fabales: Leguminosae - unha-de-vaca, *Bauhinia variegata* L. Gentianales: Apocynaceae - flor-de-lagarto, *Stapelia variegata* L.; Rubiaceae - flor-de-cobra, *Rudgea paniculata* Benth.; flor-de-mico, *Posoquerita latifolia* Roem & Schult. Lamiales: Acanthaceae - camarão-amarelo, *Pachystachys lutea* Nees.; flor-camarão, *Justicia brandegeana* Wassh. & L.B. Sm.; Lamiaceae - flor-borboleta, *Rothea myricoides* (Hochst.) Steane & Mabb. Malpighiales: Euphorbiaceae - flor-de-mariposa, *Dalechampia karsteniana* Pax & K.Hoffm; Malpigiaceae - flor-de-mariposa, *Heteropteris umbellata* Juss.; Violaceae - violeta-cão, *Viola reichenbachiana* Jord. ex Boreau. Rosales: Rosaceae - rosa-canina, *Rosa canina* L. Solanales: Solanaceae - flor-de-sapo, *Jaborosa integrifolia* Lam. Dioscoreales: Dioscoreaceae - flor-morcego, *Tacca chantrieri* André, 1901. Zingiberales: Strelitziaceae - ave-do-paraíso, *Strelitzia reginae* Banks. Já os animais com nome alusivo a flores inventariados foram representantes dos seguintes grupos: Cnidaria Actiniaria (1); Acari (3); Araneae (1); Mantodea (1); Hemiptera (2); Coleoptera (7); Lepidoptera (4); Diptera (1); Hymenoptera (1); Crinoidea (1); Gobiiformes (1); Apodiformes (1) e Cetacea (1). Todas as flores inventariadas estão identificadas ao menos no nível de gênero, com predomínio das orquídeas, que recebem o nome por alguma característica morfológica parecida com a do animal. Os animais têm, em grande parte, nome associado a plantas hospedeiras (caso predominante dos insetos), além de terem denominação comum ampla, como os lírios-do-mar (Crinoidea), beija-flores (Apodiformes: Trochilidae), algumas famílias de besouros (Coleoptera: Mordellidae e Phalacridae) e as anêmonas-do-mar (Actiniaria). Essas têm nome derivado da flor anêmona, *Anemone coronaria* L. (Ranunculales: Ranunculaceae). Curiosamente, as anêmonas “cópias” são mais populares que as “originais”: uma busca no Google pelo termo “anêmona” revela que mais de 90% das respostas se referem ao animal. Isso é congruente com o conceito de “cegueira botânica”, segundo o qual parece ser característica da espécie humana perceber e reconhecer animais na natureza, mas ignorar as plantas. Além de possibilitar esse tipo de análise, a associação entre nomenclatura taxonômica e nomes populares pode trazer benefícios para a popularização da Ciência.

Palavras-chave: cegueira vegetal; comum; nomenclatura; popular.



FLORES COM NOME DE BICHO, BICHOS COM NOME DE FLOR

Elidiomar Ribeiro Da-Silva (elidiomar@gmail.com)
Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências, UNIRIO



O nome comum de uma unidade taxonômica ou prática se opõe ao nome científico ou taxonômico, que designa, dentro de regras definidas, um determinado ser. Embora as Ciências Biológicas tenham seus princípios consolidados a partir dos epítetos científicos, são os nomes comuns que podem estabelecer uma ponte ligando os saberes científico e popular. Enquanto a nomenclatura científica é fixa, os nomes comuns variam entre os idiomas e regiões. Dentro das possibilidades que essa associação oferece, foram inventariados nomes comuns de plantas com alguma alusão a nomes de animais, bem como o inverso. As fontes para a presente pesquisa foram a memória prévia, bibliografia e buscas no Google. Estabeleceu-se o limite de 25 nomes de plantas e outro tanto de animais.

FLORES COM NOME DE BICHO

- Asparagales:
 - Amaryllidaceae:
 - rabo-de-galo, *Worsleya rayneri* (J.D. Hooker)
 - Iridaceae:
 - flor-leopardo, *Belamcanda chinensis* L.
 - Orchidaceae:
 - erva-abelha, *Ophrys apifera* Huds.
 - flor-pombo-do-oriental, *Habenaria* sp.
 - orquídea-macaco, *Dracula* sp.
 - orquídea-pato, *Caleana* sp.
 - orquídea-polvo, *Prosthechea cochleata* (L.) W.E. Higgins
 - orquídea-pomba, *Peristeria* sp.
 - orquídea-tigre, *Grammatophyllum speciosum* Blume
- Asterales:
 - Asteraceae:
 - dente-de-leão, *Taraxacum* sp.
 - Caryophyllales:
 - Amaranthaceae:
 - crista-de-galo, *Celosia cristata* L.
 - Fabales:
 - Leguminosae:
 - unha-de-vaca, *Bauhinia variegata* L.
 - Gentianales:
 - Apocynaceae
 - flor-de-lagarto, *Stapelia variegata* L.
 - Rubiaceae:
 - flor-de-cobra, *Rudgea paniculata* Benth.
 - flor-de-mico, *Posoquerita latifolia* Roem & Schult
 - Lamiales:
 - Acanthaceae:
 - camarão-amarelo, *Pachystachys lutea* Nees.
 - flor-camarão, *Justicia brandegeana* Wasmh. & L.B. Sm.
 - Lamiales:
 - flor-borboleta, *Rotheca myricoides* (Hochst.) Steane & Mabb.
 - Malpighiales:
 - Euphorbiaceae:
 - flor-de-mariposa, *Dalechampia karsteniana* Pax & K. Hoffm
 - Malpighiaceae:
 - flor-de-mariposa, *Heteropteris umbellata* Juss.
 - Violaceae:
 - violeta-cão, *Viola reichenbachiana* Jord. ex Boreau
 - Rosales:
 - Rosaceae:
 - rosa-canina, *Rosa canina* L.
 - Solanales:
 - Solanaceae:
 - flor-de-sapo, *Jaborosa integrifolia* Lam.
 - Dioscoreales:
 - Dioscoreaceae:
 - flor-morcego, *Tacca chantrieri* André, 1901
 - Zingiberales:
 - Strelitziaceae:
 - ave-do-paráíso, *Strelitzia reginae* Banks.

Todas as flores inventariadas estão identificadas ao menos ao nível de gênero e, na maioria, recebem o nome por alguma característica morfológica.

Fonte: Google Imagens.

BICHOS COM NOME DE FLOR

- Actinaria:
 - anêmona-do-mar
- Acari:
 - Demodecidae:
 - ácaro-do-cravo, *Demodex folliculorum* (Simon, 1842)
 - ácaro-das-flores-do-abacateiro, *Tegolophus perseafflorae*
 - ácaro-das-flores-do-cajeiro, *Eriophyes diospyri* (Keifer, 1944)
- Araneae:
 - Thomisidae:
 - aranha-flor, *Epicadus* sp.
- Mantodea:
 - Hymenoptera:
 - cigarrinha-da-inflorescência, *Gypona* sp.
 - cosonilha-cor-de-rosa, *Ceroplastes grandis* Hempel, 1900
 - Hemiptera:
 - louva-a-deus-orquídea, *Hymenopus coronatus* Olivier, 1792
- Coleoptera:
 - Curculionidae:
 - besourinho-negro-das-orquídeas, *Montella lepaei* (Monte, 1942)
 - besourinho-vermelho-das-orquídeas, *Dyorimerellus minensis* Monte, 1942
 - Mordellidae:
 - gorgulho-das-flores-das-palmeiras, *Elaeidobius subvittatus* (Faust, 1899)
 - Nitidulidae:
 - besouro-acrobata-das-flores
 - Phalacridae:
 - besouro-brilhante-das-flores
 - Scarabaeidae:
 - besouro-do-girassol, *Cyclecephala melanopcephala* (Fabricius, 1775)
- Lepidoptera:
 - Castniidae:
 - borboleta-amarela-das-orquídeas, *Athis theraon* (Kollar, 1839)
 - Nymphalidae:
 - borboleta-das-violetas, *Euptoieta claudia* (Cramer, 1775)
 - borboleta-do-girassol, *Chlosyne lacinia* (Geyer, 1837)
 - Sphingidae:
 - mariposa-beija-flor
- Diptera:
 - Syrphidae:
 - mosca-das-flores
 - Hymenoptera:
 - Eurytomidae:
 - vespinha-da-orquídea, *Eurytoma orchidearum* (Westwood, 1869)
- Crinoidea:
 - lírio-do-mar
- Gobiiformes:
 - Gobiidae:
 - peixe-flor, *Bathygobius saporator* (Valenciennes, 1837)
- Apodiformes:
 - Trochilidae:
 - beija-flor
- Cetacea:
 - Iniidae:
 - boto-cor-de-rosa, *Inia geoffrensis* (de Blainville, 1817)

Os animais têm nome associado a plantas hospedeiras, além de terem denominação comum ampla, referente a grandes grupos, como os lírios-do-mar (Crinoidea), os beija-flores (Apodiformes: Trochilidae), algumas famílias de besouros (Coleoptera: Mordellidae e Phalacridae) e as anêmonas-do-mar (Actinaria).





Nosso agradecimento a todos

